

E-BOOK GRATUITO

CADERNOS PAULO FREIRE

**OPRIMIDO(S), DA PEDAGOGIA AO TEATRO:
PAULO FREIRE E AUGUSTO BOAL**



ORGANIZADORES NIMA SPIGOLON & ADRIANO NOGUEIRA

PREFÁCIO DE DANIEL CARCEGLIA



Universidad
Plurinacional
de la Patria Grande



Diálogo Freiriano



**GrupGeCultE – Gestão
Cultural e Escolarização –
CNPq-PROGEPE-UNINOVE**

Copyright © by organizadores, 2018

Capa e Contracapa

Ivanio Dickmann

Ilustrações

Max Mesquita

Diagramação

Nima I. Spigolon

Edição Digital

Editora Diálogo Freiriano

Realização

Grupo de Estudos e pesquisas em EJA (GEPEJA –
FE/UNICAMP)

GrupGeCultE/CNPq - Gestão Cultural e Escolarização
(UNINOVE)

Apoio

Faculdade de Educação - UNICAMP

Publicações/Biblioteca - FE/UNICAMP

À

Paulo Freire e Elza Freire (in memoriam),
Augusto Boal (in memoriam)

e a todos e todas que com eles se encontram e, assim encontrando-se, lutam lado a lado com os oprimidos por um mundo menos desigual e mais amoroso.

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS

Nima Spigolon e Adriano Nogueira

APRESENTAÇÃO

Carlos Rodrigues Brandão

ORELHA

Antônio Joaquim Severino

PRESENTACIÓN A LA EDICIÓN DIGITAL DE LA UNIVERSIDAD PLURINACIONAL DE LA PATRIA GRANDE Y EDITORIAL DIÁLOGO FREIREANO

Daniel Mario Carceglia

1ª PARTE

DIÁLOGOS E ESCRITOS: AUTORES E ESTUDANTES DA/NA DISCIPLINA FE 190

1 – Os oprimidos

Andreia Corrêa Figueiredo da Silva

2 – O meu encontro-encanto com a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire

Bianca Sanae Nakamoto

3 – Meu encontro com Paulo Freire e com os oprimidos.

Daniela Gobbo Donadon Gazoli

4 – Memórias de uma Mulher Negra

Edna Aparecida Norato

5 – O meu encontro com os oprimidos: Educação com Paulo Freire e Arte com Augusto Boal

Eloísa Fiorim Enumo Villanova

6 – Freireando/ percorrendo/ (des)construindo*Josi Mara Nolli***7 – Mi encuentro con el (los) oprimido (s): pedagogía con Paulo Freire y teatro con Augusto Boal:***Juan Pablo Gerter Urrutia***8 – Reflexões acerca Pedagogia do Oprimido e Teatro do Oprimido***Juliana Tristão Pasquini***9 – Encontro-me com o(s) oprimido(s) em Paulo Freire e Augusto Boal***Luiz Henrique Pereira Mendes***10 – Inacabamento e vida***Marcos Rogério Soares***11 – Muito prazer, oprimidos!***Marisa Regina Leite de Souza***12 – Encontros, reflexões e histórias de vida***Max Mesquita***13 – Meu encontro com Freire e Boal: re-encontro o(s) Oprimido(s)***Michele Adriana de Moraes***14 – A educação como caminho: pergunta, movimento, sonho, criação, transformação...***Nathalie Cristina Wutzki***15 – A lição que vem da opressão***Nelton Lima dos Santos Miranda***16 – O meu (re)encontro com o oprimido***Vanderlete Pereira da Silva***17 – Sobre Sonhos, Liberdades e Africanidades***Wilson Queiroz*

2ª PARTE

DIÁLOGOS E ESCRITOS: EM SALA DE AULA

1 – “Melhor que competir é compartilhar”: Reflexões sobre a EJA sob a inspiração de Carlos Rodrigues Brandão

Marli Ancassuerd e Max Mesquita

2 – Paulo Freire e a pós-graduação profissional em educação

Jason F. Mafra

3 – Re-significar

Alexandre Romeiro

3ª PARTE

DIÁLOGOS E ESCRITOS: AUTORES E PESQUISADORES

1 – Pelos ventos que sopram na América Latina

Débora Mazza

2 – Encontros e caminhadas com Paulo Freire e os oprimidos

Daniela Gobbo Donadon Gazoli

3 – Receita para des-oprimir dentro de um processo educativo emancipatório

Juliana Tristão Pasquini

4 – As velhas guerreiras – uma delas partiu hoje: Tia Lora

Nelton Miranda

5 – Teia brilhante – pulsante

Teca Minuzzo

6 – Mulheres-Ipês

Vanderlete Pereira da Silva

4ª PARTE

DIÁLOGOS E ESCRITOS: ENTREVISTA COM PAULO FREIRE

1 – Pedagogia do Corpo: *reencontrar o Corpo*

2 – Estendendo fronteiras: *Clube da rúcula*

QUARTA CAPA

Daniel Carceglia (Universidad de Quilmes, Argentina)

PRIMEIRAS PALAVRAS

As páginas que se seguem não começam aqui, nem aqui terminam. Elas emergem da disciplina FE-194 - Seminários Avançados, primeiro semestre letivo de 2017 na Faculdade de Educação/Unicamp, e foi intitulada “*Temas e lugares entre fronteiras: EDUCAÇÃO E VIDA*” porque, desde o ano anterior, houve aproximações entre o professor Carlos Rodrigues Brandão – IFCH, Unicamp, e os Grupos de Pesquisa GEPEJA-FE/Unicamp e GrupGeCultE-PROGEPE/Uninove.

Nos estudos e discussões daquelas tardes de quarta-feira, sob coordenação dos Professores Nima Spigolon e Adriano Nogueira, aconteciam encontros cujo dinamismo caracterizou processos (artesanais?) de alinhavar, por um lado cenários político-pedagógicos próprios aos compromissos dos participantes e, por outro lado percursos epistemológicos de Sujeitos, suas pesquisas, suas opções de vida pessoal e profissional.

A referida disciplina foi não apenas um tempo-espço de “cumprimento de créditos”, mas, sobretudo, foram interações de *Vida-Educação*, provocadoras de partilhas em exposições e reciprocidades tendo em vista construir questões e questionamentos em diversos campos de atuação; assim compartilhando, os diferentes Sujeitos mutuamente “nos nutrimos” para, nestes tempos temerosos da contemporaneidade, renovar ânimo e coragem e estreitar movimentos de resistência criativa.

Ao publicizar estes itinerários teóricos, metodológicos e empíricos revisitamos os *Cadernos de Educação Popular* aqui editados como CADERNO PAULO FREIRE, em cujas páginas algumas autorias dialogam com Paulo FREIRE, e este com Augusto BOAL em torno à consigna *Oprimido(s): da Pedagogia ao Teatro*.

Uma necessária licença poética capaz de articular registros e reflexões como posicionamento nesta edição, sistematizada em quatro partes: (.i.) autorias dos estudantes na/da disciplina, (.ii.) discentes-docentes em suas respectivas salas de aula, (.iii.) autores e suas pesquisas e (.iv.) entrevista (inédita) com Paulo Freire, em 1994.

Desejamos todas as interações possíveis com textos, intertextos e autores, desejamos que este Caderno possa inspirar outras produções/ações eivadas por múltiplas linguagens em que Arte e Educação, a Pedagogia e o Teatro, cumpram o que Paulo tensionava ao propor: *esperançar sempre!...*

Nima I. Spigolon – GEPEJA-FE/Unicamp e
Adriano S. Nogueira Taveira – GrupGeCultE – PROGEPE/Uninove

APRESENTAÇÃO

Este *Caderno Paulo Freire* expõe reflexões que mostram práticas em que o pensamento de Paulo Freire é o principal ponto de partida e não o de chegada. Mostram-se vivências dentro de uma disciplina modalizada a partir de Grupos de Pesquisa e pesquisas em grupo, discutindo projetos, percursos e propostas em que Paulo “se encontra” com Boal, recriadamente e reciprocamente. Caberia a pergunta que o(a) leitor(a) poderá desenvolver: *o que seria, e como seria, ir além deste Educador?*. Essa é uma das tentativas neste Caderno.

O desafio de “superar Paulo Freire” vem dele mesmo. O Gadotti nos lembra de que Paulo, quando consultado sobre a possibilidade de que se criasse o *Instituto Paulo Freire*, reagiu/respondeu com bastante firmeza: “*se forem criar um Instituto pra me repetir, não vale a pena. Mas... se for pra me superar, então sim, eu vejo sentido nesse treco*”.

No intento de sermos caminhos e avançar além de Paulo Freire seremos, segundo a perspectiva que quero realçar, otimistas. Em que sentido? No sentido em que, justamente, eu trouxe reflexões para este encontro por vocês e por mim denominado Seminários Avançados - *Temas e lugares entre fronteiras: EDUCAÇÃO E VIDA*” e em parte reunido aqui como “*Caderno Paulo Freire - Oprimido(s), da Pedagogia ao Teatro: Paulo Freire e Augusto Boal*”.

Trago reflexões embasadas em práticas e participações sistematizadas em períodos muito difíceis da América Latina. Houve fecundas reflexões em intensos intercâmbios... eram tempos difíceis, e em vários países havia governos militares. Parecia então existir quase nenhuma luz no túnel. Para os tempos temerosos e temerários de hoje, século XXI, há memórias importantes... sobretudo aquelas construídas enquanto vivíamos situações agressivas e convergíamos para cooperações; ou, no dizer de um companheiro daqueles tempos, Marcos Arruda, para além da mera percepção de solidariedade natural compartilhávamos solidariedades conscientes... e da vivência de coletivos inconscientes optávamos por altruísmos e sobrevivências na esperança. Éramos transgressivos, arriscadamente contraventores em busca de utopias.

Outra memória importante, décadas de 1960 a 1970. Nós não utilizávamos o termo *Educação Popular* e, sim, utilizamos termos e compreensões em torno à *Cultura Popular*. Eram termos por meio dos quais traduzíamos intensos intercâmbios, agregando profissionais das várias áreas: artes, cinema, teatro, profissionais da saúde, da teologia, agrônomos, pesquisadores do serviço e das ciências sociais... Vejam: praticávamos

compreensões inter e trans disciplinares e, num dinamismo especialmente peculiar à sobrevivência dos engajamentos, “latinoamericanizávamos”. Tornávamos latino-americanas as influências e tendências de recorte e procedência globalizantes, isto é, originárias em programas e campanhas financiadas pelo norte do mundo, veiculadas como “política pública” por governos militares.

Em termos muito atuais poderíamos dizer: educação e militância eram compreensões epistemológicas dentro de processos de formação que politizavam e não apenas instruíam. Os lugares de criação eram coletivos, vivíamos modos de ser e pensar em que prevalecia o diálogo para gerar ou estimular, sempre, comunidades aprendentes. Isso viabilizava-se através de expressão muito ampla, literariamente universalizante como, por exemplo, *Poemas Pedagógicos*, de Makarenko, ou *Cartas do Cárcere*, de Gramsci, ou *Actas de Marusia*, do Sindicato del Cobre Chileno, ou *Canto General*, de Neruda, ou na *Antologia*, de Casaldáliga, com quem terminarei esta apresentação.

Estamos falando de contribuições que a América Central, América do Sul e vários países africanos generosa e sofridamente oferecem ao mundo. A *teologia da libertação*, a *investigación participativa* e toda uma re-concepção de *Comunidades tradicionais* de Quilombolas, das Comunidades Eclesiais de Base e dos Povos Originários seriam e são fecundos exemplos de importantes produções intelectuais. Nada disso morreu. E sobrevive nas formatações e artimanhas que soubemos retomar, reinventar.

No *Elogio da Educação* que escrevi para o VI SIMPEJA¹ que em breve estará disponível em publicação, isto está poeticamente afirmado “... e então algo em mim me pensa e fala e ganha alento que penso ser meu, e é nosso. É que se ouve em mim a voz do vento. O que eu penso, pensamos e toda autoria é plural...”

Penso que é muito válido retomar/reinventar Paulo Freire e naquele sentido de contribuição para os Educadores progressistas do mundo. Nos debates atuais, por exemplo: um recente Colóquio, em Colômbia, em que estive e foi mediado pelo Boaventura Santos essa contribuição ainda é pouco compreendida. Há intelectuais progressistas no norte do mundo que ainda compreendem educação, pesquisa e outros dinamismos de criação intelectual como mera regulação, isto é, ações que reajustam pessoas ao sistema, como se educação fosse “um lubrificante”. E há aqueles, como nós, que compreendem educação/pesquisa e etc., como emancipação.

Segundo nossa experiência em Educação e Cultura é possível afirmar que educar é politizar, sobretudo, se expusermos os caminhos da Educação

¹ Simpósio de Educação de Jovens e Adultos, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos, da Faculdade de Educação da Unicamp, em novembro de 2017, com a temática: Educação – a utopia possível?

Popular, sua potencialidade de socialização de pessoas através de cidadania e convivência em meio à diversidade. O que se põe é compreendermos um sempre confronto entre modos de educação quando, através de autorias, afirmamos a busca de alternativas e perscrutamos, também sempre, um “outro lado” de tudo o que vivemos.

Afirma-se *Educação e Vida*, tal como vocês dimensionaram à disciplina que gerou este Caderno, dos quais sou e sinto-me parte. Lançando mão da (minha) forma poética é que sou levado a afirmar “... *foi um milagre o que nos tornou Humanos. A aventura de aprender a saber. A aventura de ensinar o saber. Somos seres do aprender...*”

Isso é política, segundo Paulo Freire. E é poética, na medida em que somos expect-atores, segundo Augusto Boal. Sendo ambas e na expressão de D. Pedro Casaldáliga, em *Antologia Retirante*, poderíamos e podemos afirmar “...*sinto, como culpa assumida, a solidão de todo um Povo. A barba do camponês, transparente de sol e silêncio, podia ser a barba do meu pai!. De quem é o Brasil?. Que esperam estes Homens?. Por que esperam?. (Deus já não voltará. Veio em seu dia!. Restam os gritos destas armas!). Cada dor humana tem um limite?. Me sinto repleto de sentidos. Creio e meu crer propõe mil razões para este ‘estar assim’: aconchegado na paz dessa vigília muito povoada de amigos, seguro do amor que me conduz e intransigente com estas mortes que reclamo*”.

Carlos Rodrigues Brandão

ORELHA

Os depoimentos trazidos neste *Caderno* e ora compartilhados com os leitores desvendam uma intensa teia de conversa em que se abrem espaço e oportunidade para um diálogo entre três grupos de sujeitos: de um lado, nós, os leitores, instigados pelas narrativas pessoais dos autores; de outro, os autores que passaram pelas vivências que compartilham e, de um terceiro lado, educadores/pensadores que inspiraram os autores, com suas amadurecidas reflexões que evidenciam a responsabilidade emancipatória de toda prática educativa. É dado devido destaque a Paulo Freire e Augusto Boal, a partir, respectivamente, da obra *Pedagogia do Oprimido* e do *Teatro do Oprimido*, documentos que foram tomados como referências básicas dos diálogos e debates, ocorridos nos cursos e eventos frequentados pelos autores. Estes nos relatam, em seus breves, mas densos depoimentos, os encontros desveladores graças aos quais tomaram consciência da condição de opressão que ainda grassa sobre a maior parte dos educandos em nossa sociedade. Relatam, com sensível autenticidade e muita solidariedade, suas próprias experiências de aprendizagem e de auto-transformação que alteraram não só seu conhecimento, que se tornou mais consciente e crítico, mas também sua visão de mundo e seu modo de ser. Assim nos anunciam uma educação que pode se tornar prática de liberdade, caminho para a libertação e para a autonomia. Pois não basta reconhecer o caráter dialógico da prática educativa em geral. É que para haver diálogo, é preciso que os dialogantes se encontrem em condições iguais de dignidade. E é o que não ocorre em nossos contextos historicossociais: estes são espaços em que impera ainda forte opressão. Uma pedagogia do oprimido se faz então necessária para que ele possa libertar-se pela mediação da educação, que pode se dar na escola, no teatro e em todos os demais espaços culturais. Toda educação precisa se compromissar em fazer rigorosa denúncia das condições sociais e políticas opressoras bem como um sistemático e permanente anúncio de caminhos libertadores nos quais os sujeitos educandos possam refletir e agir consciente e criticamente, transformando-se e transformando sua realidade.

Antônio Joaquim Severino

PRESENTACIÓN A LA EDICIÓN DIGITAL DE LA UNIVERSIDAD PLURINACIONAL DE LA PATRIA GRANDE Y EDITORIAL DIÁLOGO FREIREANO

Presentamos este trabajo tal como lo nombramos: como un cuaderno. Los cuadernos son esos dispositivos repletos de hojas en blanco que cotidianamente utilizamos en las tomas de apuntes, de notas, de elaboraciones conceptuales provisionales. Y en este caso el que tienen frente a ustedes recoge los trabajos de estudiantes y docentes en torno a las cuestiones de la opresión y los caminos de liberación.

Y lo presentamos así, “un cuaderno”, porque ocurre que es exactamente eso: un cuaderno. Un texto que parte de situaciones personales o comunitarias, que construye su reflexión a partir de momentos concretos, de diálogos reales, de encuentros vividos en los que cada quien descubrió, reconoció y reescribió sus opresiones. Y, a partir de esas situaciones, sus protagonistas intentan comprenderlas tomando como punto de partida (y no como límite o modelización) consolidando un camino que une dos puntos, diseñando **una trayectoria**: de los pensamientos de Paulo Freire a las experiencias de Augusto Boal. Es, entonces, un cuaderno que reflexiona, que parte de prácticas para entender situaciones, que construye y reconstruye teorías a partir de sus discusiones.

Y ahora, además, sumaremos tu lectura y las experiencias que el texto te evoque; para que completes de algún modo con ese aporte personal tuyo un sentido más en la compilación y la edición de estos trabajos. Este cuaderno, entonces, es un texto permanentemente abierto, que busca continuarse y recrearse cada vez, y que dará a luz (sin dudas) nuevos cuadernos.

Te propongo entonces construir, juntos, algunas miradas que nos permitan pensar y sentir, sentir y pensar, reflexionar sobre los tiempos hoy. Para ello te pediré que tomes un intervalo de cinco minutos y cuarenta y un segundos, y mires en <https://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8ZdeG8> el video de Calle 13 del tema **Latinoamérica**.

...

“Soy
 Soy lo que dejaron
 Soy toda la sobra de lo que te robaron
 Un pueblo escondido en la cima
 Mi piel es de cuero por eso aguanta cualquier clima
 Soy una fábrica de humo
 Mano de obra campesina para tu consumo
 Frente de frio en el medio del verano
 El amor en los tiempos del cólera, mi hermano...”

A partir de mediados de los años '60, cuando Augusto Boal comenzó a sistematizar las experiencias de teatro comunitario y participativo que darían origen al *Teatro del Oprimido*; América Latina sufría dictaduras cívico-militares que convirtieron a los Estados de casi todos sus países en territorios donde reinó la represión y el exterminio. El opresor era visible y concreto: perseguía, detenía y torturaba; el plan económico que expoliaba y destruía. (Allí está René Pérez diciendo en Latinoamérica “*el Plan Cóndor metiéndose en mi nido/perdono pero nunca olvido*”).

Ciertamente, ya no hay dictadores genocidas gobernando nuestros países, ya que en muchos casos los mecanismos neoliberales no precisan ese modo para continuar oprimiendo. Pero es precisamente por eso que sigue siendo necesario, en palabras de Boal, “*humanizar la humanidad, analizando el pasado en el presente para inventar conjuntamente el futuro que deseamos*”.

La ausencia de ese “opresor visible” llevó a Boal, durante los períodos iniciales de vuelta a las democracias, a pensar cómo ahora se encarnaba esa opresión, que evidentemente subsistía. Y es allí que propone el término “*Policía de la Cabeza*”.

Éste es, seguramente, el desafío permanente: desterrar, convertir, subvertir a ese “policía de la cabeza”, ese opresor que vive dentro del oprimido (en términos de Paulo Freire) y que le toma el aire de sus pulmones, y que usa su garganta, y se apoya en sus inflexiones, y le mueve su lengua para hablar. A ese opresor, a ese policía, no es posible expulsarlo violentamente del espacio que ha ocupado en el oprimido, a riesgo de agredir severamente al propio oprimido.

Será necesario reflexionar su opresión, su represión, y construir un “*Arco Iris*”, un puente de salida para que pueda convert-*irse*; abandonar su gestión policíaca, emanciparse y emancipar a quien lo aloja. En el Teatro del Oprimido el puente coloca sus primeras bases a través del arte, del

aprendizaje estético que deviene en una base para creación de cultura. Cultura asumida, vivida, actuada, gozada.

Nació una flor en el fondo del rastrojo. Diferente de las flores que todos conocen. Un viento extraño depositó en mano del sembrador la semilla de esta flor diferente [...]

"¡Nadie puede cortarla! Ella crece tranquila y serena, inclusive sangrando, inclusive cortada. ¡Su sangre es su abono! Ya no importa saber de qué tipo de flor se trata. Importa saber si ella nace de la sangre. ¡Hay que saber si su semilla fue llevada por el viento extraño a la mano del sembrador!".

Carlos Mesters. Flor sin defensa

Como la "Flor sin defensa" de Mesters, transformamos, en el arte, en la reflexión, en la acción, la sangre en abono²; sangre que sube desde la tierra por nuestros pies y nos gana el corazón; abono y sangre que, finalmente, nos hacen "más fuertes que la mano que nos corta".

Y es que eso se incorpora a nuestro empeño para vivenciar procesos de descolonización, de emancipación. Se requiere, para comenzar, **ayudar a identificar la belleza de los vencidos y acompañarlos en la aventura de su propia expresión.**

Y la reafirmación de esas vivencias, de esas culturas, de esas expresiones, parte de allí. Vernos y mostrarnos bellos... no la belleza formateada en la seducción del consumo, no la del poder globalizado, no la prescripción atractiva de modas o modelos estandarizados. Se trata del **aprendizaje desde nuestras historias** (bellezas que aparecen narradas en este libro, por ejemplo), las bellezas de amores, de luchas y de sueños. Esas bellezas muchas veces de piel curtida, de rostros ajados, de manos callosas y nudosas. Las bellezas de los rasgos diversos, los cuerpos multiformes, las ropas ancestrales, las culturas percusivas... "las muelas de mi boca mascando coca". ¡Belleza de la cultura y las vidas!

En el marco de estos tiempos (ni los mejores ni los peores, quizás ni siquiera los que hubiéramos elegido... pero sí estos tiempos, que nos toca hacer nuestros), plenos de acechanzas y de traiciones, somos quienes perduramos y construimos, cada día, una nueva esperanza para ello. **Somos la flor sin defensa. Somos la belleza de los vencidos.**

² Piénsese, por ejemplo, en el *Siluetazo*, la más recordada práctica artístico-política que proporcionó una potente visualidad en el espacio público al movimiento de derechos humanos a fines de la última dictadura argentina. Puede leerse el libro "El Siluetazo" de Ana Lognoni, el Editorial Adriana Hidalgo, o ver el breve video Arte, memoria, justicia y verdad: Siluetazo de Rodolfo Aguerreberry, Julio Flores y Guillermo Kexel en <https://vimeo.com/78115397> entre otras menciones posibles.

Procuramos cada vez una resistencia nueva, diferente, porque son diversos los ataques. Si hemos fabricado dulces, nos arrojan limones para agriarlos... y nosotros respondemos fabricando limonada, o caipirinha!

Todo el tiempo resistimos, conformamos la belleza de la resiliencia. Somos como la flor que perfuma y da colores al mundo. Al tiempo que indefensos (porque, en parte, hemos decidido que cada ataque que recibimos no es a nosotros... es a toda la humanidad) nuestra fortaleza está firme en la incomparable **ternura** de lo que hacemos: **EDUCAR/NOS**

Que el corazón que somos abra la palabra y la escuche.

Y de entre las palabras, escojamos la mejor semilla.

*El pensamiento crítico frente a la hidra capitalista I – Participación de la
Comisión Sexta del EZLN*

Por eso esta edición de CADERNOS DE PAULO FREIRE es fundamental: porque, nuevamente tomando las palabras de Mesters, *vientos extraños* llevarán a las manos de sembradores y sembradoras las semillas de lo que aquí se narra, reflexiona, construye. Y producirán flores, jardines, aromas, colores.

¡Que florezcan mil flores!

Podrán cortarlas, ¡pero no detener la primavera!

¡LA FLOR, LAS SEMILLAS, SON NUESTROS CUERPOS, YA!

Ponemos en línea **esta edición digital de distribución gratuita** del primero de los CADERNOS PAULO FREIRE.

La Universidad Plurinacional de la Patria Grande es uno de esos “vientos extraños” que quiere depositar en las más diversas manos esta semilla.

El aroma de la flor, la belleza de los vencidos, el teatro de Boal, la presencia siempre viva y reinventada de Paulo Freire... todo eso festejado aquí, en este cuaderno, que es.... un cuaderno.

*Vamos caminando,
aquí se respira lucha.*

*Vamos caminando,
yo canto porque se escucha...*

Daniel Mario Carceglia

Universidad Plurinacional de la Patria Grande

1ª PARTE

DIÁLOGOS E ESCRITOS: AUTORES E ESTUDANTES DA/NA DISCIPLINA FE 190

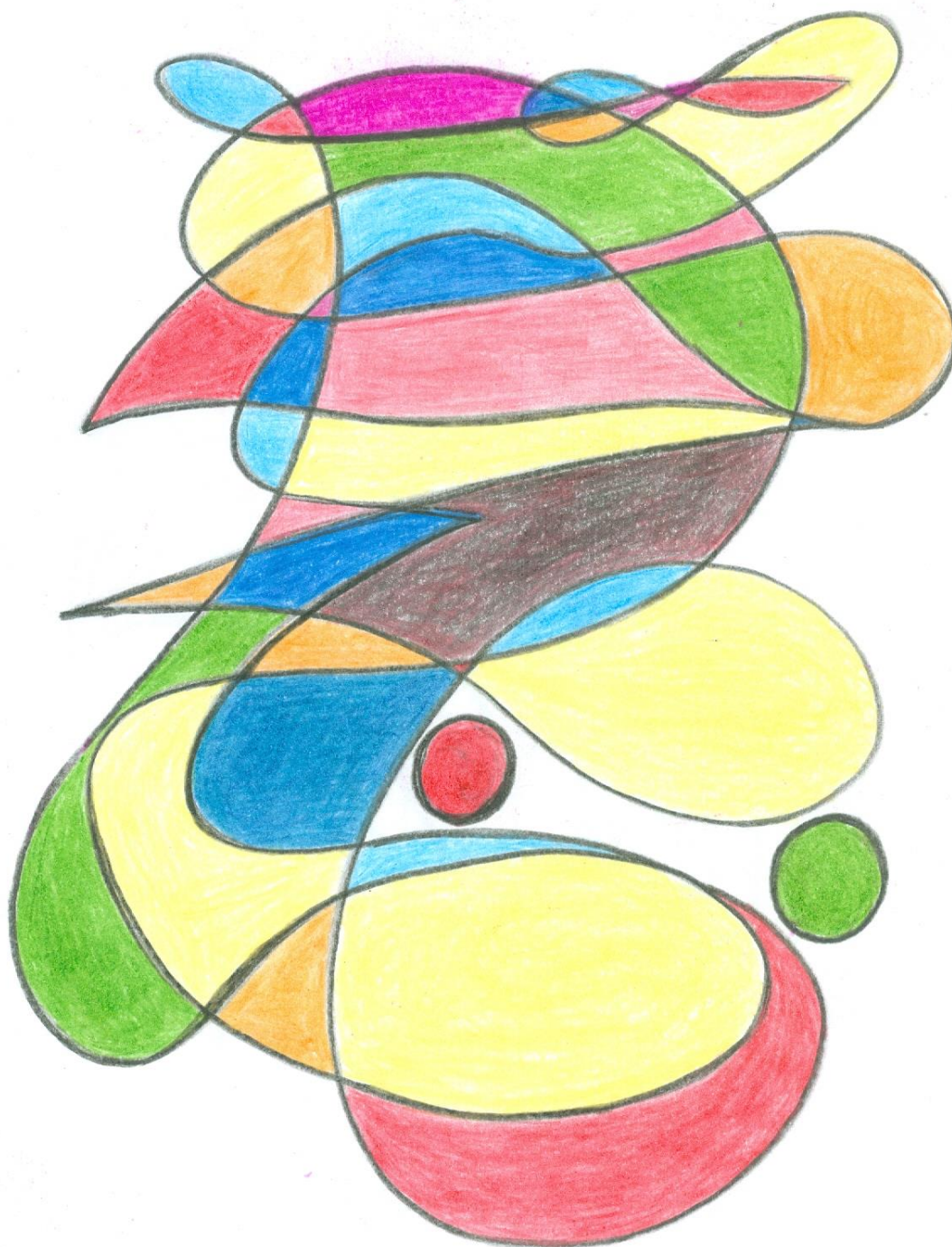


Figura 1 – Ilustração livre em lápis e papel, cedida aos organizadores do material.

Fonte e autoria: Max Mesquita.

1 – OS OPRIMIDOS

Andreia Corrêa Figueiredo da Silva

Professora. Supervisora Educacional na Prefeitura de Campinas.

E-mail: silva.andreia023@gmail.com

O encontro com Paulo Freire foi no início da Faculdade de Pedagogia, lembro que sentei nas escadas do auditório lotado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Eu já tinha feito o Curso de Formação de Professores, o antigo Normal, mas não lembro de um enfoque freiriano até então. Confesso que não lembro o título da palestra, o tema da mesa redonda, ou qualquer retórica. Ficou só o registro da sensação de imensidão do significado das palavras, que aliavam educação, esperança, respeito e transformação. Ficou a sensação da necessidade de liberdade e de respeito pela vida. Lembro da comoção do auditório mais que lotado que parecia comungar junto um ideal.

Tinha visto Paulo Freire antes em umas revistas pedagógicas, que faziam parte da formação em serviço em um Brizolão, na Vila Gramacho, Município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Era uma escola de educação Infantil. Na verdade, eram classes de alfabetização para as crianças que participavam da atividade econômica do bairro, como catadores de lixo. Era um grande desafio e contentamento para os educadores recém contratados e formados, entre os quais me encontrava. Tudo pronto, projetos definidos, muitas leituras freirianas... Mas a escola não foi inaugurada naquele momento, até hoje não sei porque, e fomos todos remanejados para outras unidades...

Depois destes encontros, literalmente narrados e não datados, pois já nem lembro mais a ordem dos fatos, a ideia da Paulo Freire entrou na minha vida como humanização, parece simples, mas talvez as melhores coisas venham de pressupostos simples e coerentes com a realidade. De nada adiantam teorias complexas e tecnologias aplicadas se não nos atentarmos que antes de mais nada, a educação deve estar aliada a humanização.

Acho que durante muitas vezes me senti sozinha nessa caminhada de educadora, e sentir sozinho é o pior caminho, com certeza. Muitas vezes eu me perguntei o que havia de errado, ou se estava errada em pensar como pensava. Não dá pra viver sem coletivo quando se pensa em transformação. Mas, ao longo do caminho, e das inúmeras rupturas que fiz em minha vida, sempre encontrei as situações que me fizeram sair do tédio e da inércia de uma educação desprovida de sentido.

Sobre sentido, só posso afirmar que vejo um, o de ressignificar (palavra muito oportuna que foi trazida pela Rosa dos Ventos, coma Prof Nima), as experiências coletivas, ter oportunidade de vivê-las e procurar estratégias de resistência aos ditames mercadológicos e descompromissados que entristecem a educação. O encontro como grupo da disciplina FE194, foi sem dúvida, um grande acontecimento, uma felicidade epistemológica, um incentivo de esperança e de resistência nos ideais freirianos. E, como Freire finaliza a Pedagogia dos oprimidos: (...) *esperamos que permaneça: nossa fé no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.*

2 – O MEU ENCONTRO-ENCANTO COM A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO DE PAULO FREIRE

Bianca Sanae Nakamoto

Geógrafa e Educadora. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp. E-mail: bianca_sanae@hotmail.com

Nesses encontros realizados às quartas-feiras, sinto estar constantemente sendo retirada de minha zona de conforto e sendo levada a refletir sobre muitos aspectos da minha formação como professora de Geografia e, acredito que isso tem me feito aprender e amadurecer muito. Mas antes de qualquer coisa, tenho que confessar e talvez até admitir, durante a graduação não me via como professora. Sempre fui muito tímida, não via possibilidade de dar aulas. Porém, ao iniciar as aulas de estágios, tive os primeiros contatos, superficiais e distantes, com Paulo Freire, ou melhor, com pesquisadores de sua obra.

Minha trajetória nas salas de aula iniciou-se no Curso Comunitário pré-vestibular da Unesp de Ourinhos, na época estava no 4º ano da licenciatura em Geografia. No “cursinho” dei aulas de Técnicas de Redação. Isso acordou algo que eu não sabia que existia em mim, uma sensação de estar no lugar certo, e o mais legal foi perceber o quanto estar presente e dialogando com essas pessoas acabava acendendo a curiosidade deles, e isso foi uma sensação de alegria e de vontade de fazer mais. Mesmo com essa experiência positiva, acabei mudando de rumo, fui cursar o mestrado e me afastei das salas de aula. Nesse período, além da dissertação, me vi prestando concursos, e lá estava ele, Paulo Freire, sempre solicitado nas leituras obrigatórias. E aí eu pensava, se esse autor é tão importante, por que durante a graduação eu não li?

Então, comecei a ler. E percebi que é uma leitura para qualquer indivíduo que quer ser educador. E me vi lembrando algumas coisas que passei naquele pouco tempo de professora de “cursinho” ou de estagiária...se tivesse lido antes teria feito melhor...teria contribuído mais...teria sido muito mais...e assim, aos poucos fui descobrindo Freire e me descobrindo educadora. Comecei a questionar, será que o que faço na pós vai chegar a alguém? Estou contribuindo para que a sociedade veja os “alguéns” que existem? Como posso dividir, compartilhar ou construir tudo isso com outros? Esses outros que na verdade são como eu.

Quando terminei o curso de mestrado, voltei para casa dos meus pais na cidade de São Paulo, com novas perspectivas e muito segura de que estava pronta para ser professora. Fui dar aulas em duas escolas particulares. O que me chamou a atenção foram os olhares de indiferença dos estudantes. Ao estar frente a frente com esse cenário, me vi perdida. Pensei comigo: “estudei tanto e ao entrar nessas salas de aula parece que ainda me falta muito”. Assim, fui me lembrando como era a minha realidade quando estudava na escola pública e como foi difícil a transição para uma escola particular no período do Ensino Médio. Como eu me senti deslocada, perdida e até certo ponto solitária. O assustador é que a sensação era a mesma em alguns momentos, mesmo estando em um novo papel, eu ainda tinha uma sensação de não estar bem naqueles espaços.

Depois de um ano, fui chamada para assumir aulas em escolas estaduais em Campinas. E decidi largar tudo, e me arriscar. Quem sabe me sentia mais presente, menos perdida ou solitária. E foi exatamente o que aconteceu. Ao entrar na sala de aula e perceber o olhar diferente daqueles estudantes, me senti novamente encantada, assim como no cursinho lá em Ourinhos. Tive certeza que a escolha não tinha sido em vão. Mesmo sem entender como poderia me sentir assim, já que as condições de trabalho não eram as melhores (salas cheias, falta de recursos, entre outros problemas) e todos da minha família me diziam “nossa, porque vai dar aulas em escola pública?”

E aí, senti exatamente o acordar do oprimido. Naquele momento, ainda não tinha lido o livro *Pedagogia do Oprimido*, e para falar a verdade, não refletia muito sobre isso. Mas ali, consegui enxergar onde seria o ponto de partida e como poderíamos juntos, os alunos e eu, nos sentir livres para pensarmos juntos os temas de aula, refletir em como compartilhar tantas informações e dúvidas. Comecei a construir um novo eu todos os dias.

Quando parti para o novo desafio, voltar a estudar, tive muito apoio das crianças e também de alguns (poucos, mas valiosos) colegas, amigos e familiares. Ao escolher a disciplina, acreditava que me ajudaria a compreender melhor a Educação, mas ela acabou me dando muito mais. Me deixou em contato direto com Paulo Freire e suas reflexões, por este motivo,

me vi sendo tirada de minha zona de conforto (ainda bem) e, finalmente, conheci a Pedagogia do Oprimido, e percebi que já conhecia, só não tinha me apresentado e dialogado com ela.

3 – MEU ENCONTRO COM PAULO FREIRE E COM OS OPRIMIDOS

Daniela Gobbo Donadon Gazoli

Professora e pesquisadora na área de Educação. Doutoranda no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp.

E-mail: danidonadon@gmail.com

Cresci em uma vila muito pequena, distrito do município mais distante da cidade de São Paulo, no estado. Lá, a vida era coletiva, o transporte era a bicicleta, todos se conheciam – suas dores, seus amores. Quando me mudei para a “cidade grande” comecei a perceber a luta solitária dos oprimidos – mas ainda não conhecia esta palavra. A primeira vez que peguei um ônibus, sem saber que era preciso puxar a “cordinha” para que o motorista parasse no meu ponto, senti a dor daquela gente, que marginalizada do conhecimento do código escrito – como eu do conhecimento do código do ônibus – me pedia para ler algo. Vivi uma fração ínfima de seu sentimento de excluído. Empatia.

A intensidade dos afetos envolvidos na minha empatia com os oprimidos de uma realidade social injusta me levou a decidir participar da luta por uma sociedade mais justa. E o caminho, na minha pouco experiente e idealista cabeça adolescente, só poderia ser a educação.

Faço parte de uma pequena minoria, no Brasil, que teve o privilégio de poder escolher o que quer ser “quando crescer”. A despeito de toda orientação e vontade familiar, para desespero de meu pai, escolhi que seria professora.

Ingressei na Unicamp e, após um semestre ouvindo as teorias sobre a escola como “aparelho reprodutor ideológico do estado”, estava sem chão. Perdida em meus caminhos, procurando me encontrar, quem encontrei foi ele: Paulo Freire. Era um cartaz sobre o Seminário Paulo Freire, evento permanente da Unicamp. No cartaz, Paulo Freire me dizia: “*Se a educação, sozinha, não muda o mundo, sem ela, tão pouco, o mundo muda*” (Paulo Freire).

Encontrando ele, me encontrei. Este foi meu primeiro – de muitos – encontro com Paulo Freire. E aí, já não estava mais tão sozinha na minha utopia de educação como mudança – nome que consegui dar para este meu sentimento através das palavras de Paulo Freire. Comecei a ler seus livros e

conhecer pessoas que também se encontravam com Paulo Freire em sua obra, em sua utopia de mundo possível. Descobrimo outros educadores e educandos que liam Paulo Freire, tomei maior consciência do tamanho da luta, mas comecei a entender a coletividade dela, que a faz real, que a faz possível.

Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem mas, sobretudo, com eles lutam. (FREIRE, 1987).

O meu segundo grande encontro com Paulo Freire – logo após aquele cartaz, na ansiedade de conhecê-lo –, foi com a Pedagogia do Oprimido. A leitura e releitura da obra mudaram minha forma de ser no mundo, meu olhar para a vida, minha compreensão do compromisso que assumi com a educação e como este compromisso, após o encontro com o oprimido, resignificava minha existência. Faço minhas as palavras da professora Nima “ler pedagogia do oprimido é um divisor de águas na nossa vida. Pensar Paulo Freire, a partir desta leitura, torna-se um compromisso que a gente assume com a vida na uma busca por um mundo onde seja menos difícil amar. O livro consegue mover as dimensões do pensar, do sentir, do relacionar”. A leitura da Pedagogia do Oprimido me afetou profundamente. Construiu, em mim, sentidos e significados que reconstróem minha subjetividade. Firma meu promisso com a transformação social. Hoje, se pesquiso a construção e permanente transformação subjetiva, os afetos, sentidos e significados vividos pelos educandos adultos em seus processos de alfabetização e conscientização, foi porque um dia me deparei com uma frase em um cartaz e lí um livro. Pedagogia do Oprimido.

Ainda hoje, me encontro com Paulo Freire frequentemente. Atualmente, tenho conversado com ele uma vez por semana, nas entrevistas de minha pesquisa de doutorado, nos encontros com adultos em processo de alfabetização. São meus encontros com os oprimidos. Com eles, aprendo na prática o quanto a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Nos saberes dos oprimidos posso encontrar algo que é revolucionário – mais profundo que ciências: *perejivânie*³. Mas eles, muitas vezes, não conseguem ter consciência de seus saberes. Conscientização.

Nestes encontros, ouço, quase em todas as falas, afirmações como “eu não tive infância”, “minha vida foi só sofrimento”, “eu era um cego no mundo”, “eu vivia nas trevas”, “eu não era ninguém”... Estas palavras duras afetam minha forma de viver o mundo. Quão fundamental é ter Paulo Freire ao meu lado nestes encontros para mostrar o quanto estas pessoas sabem da vida, do mundo, da luta cotidiana do povo brasileiro, de geografia sofrida da

³ Para Vigotski, a *perejivânie* compõe unidade sistêmica. São unidades da relação entre a personalidade, a consciência e o meio. Envolve a experiência significada, compartilhada, sentida, experimentada.

seca, da sobrevivência no mercado informal, dos malabarismos para viver em uma sociedade codificada sem ter acesso ao seu código – a escrita.

Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar (FREIRE, 1987).

Tento desvendar, com cada um dos educandos, seu valor, suas lutas, suas conquistas, suas insistências, suas permanências, seus afetos: os sentidos e significados únicos e coletivos de sua vida. Uma luta para fazê-los perceberem-se para além de suas supostas ausências. Uma tentativa de ver o homem para além dos pre-conceitos estabelecidos pela nossa sociedade letrada, racionalizada, cindida. Uma luta, de mãos dadas com Paulo Freire, pela conscientização do homem como sujeito, negando a condição de objeto: se libertando.

Nestes últimos meses, na presença dos professores Nima, Adriano, Carlos e tantos outros, me parece que meus encontros com Paulo Freire ficaram mais íntimos. Quando o professor Adriano narra o encontro entre Paulo Freire e as mulheres esposas dos mineradores grevistas no Chile e suas existências que tomam Paulo Freire e sua obra como instrumento de conscientização e mudança da realidade, meu mundo muda. Nas narrativas pessoais de quem viveu e sonhou com Paulo Freire e tantas outras pessoas incríveis, encontro sentidos e significados que afetam profundamente minha maneira de ser e estar no mundo. Gratidão.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

4 – MEMÓRIAS DE UMA MULHER NEGRA

Edna Aparecida Norato

Pedagoga e Professora. Aluna Especial no Programa de Pós- Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP.

E-mail: dinanorato@gmail.com

Levada a uma vocação de vida de professor, desde muito cedo, surge essa oportunidade única a ser concretizada por volta de 1981. Antes de mais nada, devo dizer que ser um professor tornou-se uma realidade, para mim, depois que comecei a lecionar. Tornou-se uma vocação, para mim, depois que comecei a fazê-lo. Comecei a dar aulas muito jovem, é claro, para conseguir dinheiro, um meio de vida, mas quando comecei a lecionar, criei dentro de

mim a vocação para ser um professor.”(Paulo Freire, Essa escola chamada vida. 1985, Editora Ática, São Paulo. Livro escrito em parceria com Frei Betto. Página 8)

Passo então, a identificar-me com esse diálogo de Paulo Freire. Comecei, a lecionar, para poder ter condições de frequentar uma Faculdade (Particular), uma época de muita dificuldade , onde tenho o primeiro contato com a leitura de Paulo Freire, no Curso de Pedagogia Noturno.

Nessa trajetória de opressão, começo então com uma luta diária para enfrentar o preconceito de uma forma esmagadora.

Quando chego na UNICAMP, temerosa, como aluna especial para frequentar a disciplina Temas e lugares entre fronteiras: Educação e Vida, começo a desenvolver um processo, de uma educação libertadora (saindo do estado de opressão), e passando a ter uma consciência transformadora, onde fui levada a reflexão da minha prática pedagógica.

Ainda me pergunto, de que forma sair totalmente da opressão? Se os que ensinam, são também oprimidos?

Com certeza desenvolvendo a consciência crítica e dialogando é que podemos ter uma educação libertadora.

5 – O MEU ENCONTRO COM OS OPRIMIDOS: EDUCAÇÃO COM PAULO FREIRE E ARTE COM AUGUSTO BOAL

Eloísa Fiorim Enumo Villanova

Biomédica e Professora. Mestranda no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp. E-mail:eloisafev@gmail.com

Enquanto eu entrava na adolescência, entre o final da década de 60 e os anos 70 do século passado, o país vivia períodos difíceis, mas férteis em termos de pensadores da realidade e sua transformação. Paulo Freire, no campo da Educação, e Augusto Boal, no teatro, traçavam caminhos que marcaram, não só seus respectivos campos de atuação, mas também se entrelaçaram, com influências ainda atuais. Ter sido estudante de escola pública no Estado de São Paulo naquela época permite agora entender parte do processo educativo denunciado por Paulo Freire em termos de passar por um processo educacional com conteúdo pré-estabelecido. Contudo, foi também um tempo em que as técnicas de dinâmicas de grupo, como práticas pedagógicas, e o incentivo à expressão artística, inclusive por meio de peças teatrais, faziam parte do cotidiano da escola. Professores com um perfil mais humanitário tinham por prática pedagógica fazer os alunos terem

pensamento crítico sobre a realidade nacional e internacional; os livros didáticos tinham atividades para serem completadas, seguindo a opinião do aluno; a autoavaliação e atribuição de conceitos como nota faziam parte do processo avaliativo; as feiras de ciências e as atividades fora da sala de aula, para formação de conceitos, por exemplo, eram as propostas pedagógicas vivenciadas.

A disparidade entre o ensino em diversas partes do país, especialmente nas regiões mais desfavorecidas, gerou essas contradições denunciadas pelos autores em questão, condição esta que se apresenta em diversos lugares do mundo até hoje em dia. Nesse sentido, as técnicas teatrais do Teatro do Oprimido, que podem ser entendidas inclusive como ferramentas para a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, continuam atuais. Na década de 60, chegando até ao interior de São Paulo, este era o teatro visto como tendo uma proposta inovadora. Foram anos de incentivo à reflexão sobre a realidade e sobre a condição humana, traduzida e promovida pelo teatro e pela música popular brasileira, e por propostas de mudanças no ensino.

Este depoimento e impressões parecem ir na contramão das condições denunciadas pelos autores, mas, esta foi a realidade vivida naquele período em uma cidade pequena, de interior, mas centro do maior município de São Paulo à época. Fico com a impressão de que as propostas desses autores estavam em plena ação por um período de tempo, as quais devem ter influenciado minha formação, não só acadêmica, mas, principalmente, como pessoa.

BRANDÃO, C. R.; FAGUNDES, M. C. V. Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freiriana para um sistema de educação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 61, p.89-106, 2016.

CANDA, N. C. Paulo Freire e Augusto Boal: diálogos entre educação e teatro. **HOLOS**, Ano 28, Vol. 4, p. 187-198, 2012.

FÁVERO, O. (Org). **Cultura popular e educação popular**: memória dos anos 60. 2ª Ed. Graal. Rio de Janeiro, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 38ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

MACEDO, F. J. C. **As contribuições de Freire e Boal para a formação dos jovens e adultos**: Pedagogia do Oprimido e Teatro do Oprimido. Trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Teatro do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. 2013.

PEIXOTO FILHO, J. P.; MARQUES, E. M. D. **Teatro do Oprimido e Educação**: perspectivas para as práticas escolares na atualidade. Disponível em [JosePeixotoFilho_res_int_GT1.pdf](#) (anpae.org.br) Acesso em: 01-07-2017.

6 – FREIREANDO/ PERCORRENDO/ (DES)CONSTRUINDO

Josi Mara Nolli

Jornalista e professora. Mestranda no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp.

E-mail: jmaranolli@gmail.com

Cada conhecimento nos coloca em um *topoi* diferente. E não se trata só de lugar geográfico. O conhecimento nos desloca dos nossos espaços próprios para a conquista de outros espaços possíveis, outros pontos de partida, ou de chegada, ou, simplesmente, o que se aprende percorrendo.

Ando em busca de conhecer melhor a Educação e seus desafios. E, nessas andanças, *hoje* (pois, não posso prever o futuro), *freireando* (no sentido de compreender melhor a filosofia de Paulo Freire). Conhecer e aprender estão inseridos nessa dinâmica do deslocar-se de si para experimentar outros lugares e, conseqüentemente, romper fronteiras. É um movimento. Um movimento que nesse *estar conhecendo*, pelo novo e pelo que já se conhece, amplia horizontes e possibilidades. Andar é uma ação prática. *Freirear*, também. *Freireando/ construindo* um conhecimento a se completar, a dialogar. E, nesse *freirear*, entre tantas possibilidades de aprendizado, nos provoca o “Oprimido”.

Inconsistente o nosso encontro com o “Oprimido” (e seu sentido freireano) se dá, na prática, desde que viemos ao mundo. Mas posso dizer que o meu encontro *consciente* com o “Oprimido” e tudo o que o conceitua, na visão de Paulo Freire, de fato se deu em minhas andanças pela Universidade, estudando o autor, conversando e trocando ideias com outros colegas a respeito do pensamento e da filosofia de Freire.

Esse encontro tardio (pode se dizer assim) tem uma explicação no fato de que, até então, eu não estava envolvida, de forma ativa, no processo de educação. Minha formação primeira é Comunicação Social – uma área que me fascina e se apresenta tão desafiadora quanto a Educação. E foi a Comunicação que me inseriu na Educação (enquanto docente). Ao lecionar sobre Comunicação, me vi diante da necessidade de saber mais sobre o processo educativo, para que minhas aulas de fato fossem produtivas e agregassem conhecimento, habilidades e, sobretudo, valores, aos alunos. Sem conhecer ainda o conceito de “educação bancária”, eu a pressentia e a todo custo, inconscientemente, fugia dela. Nessa busca por compreender o processo de educação é que me “encontrei” com Paulo Freire. Um encontro com sua bibliografia! E, agora, na Universidade, busco esse diálogo, em constante construção, para aprender mais sobre esse conceito desafiador – o

oprimido. Que não se trata só do outro, mas de nós mesmos. Todos somos de alguma forma “oprimidos”.

Compreender como se dá esse processo, é fundamental para entender também como a Educação pode mudar o destino de cada ser humano que, independente das fases da vida, é sempre um ser em constante formação. Compreender que a educação tem o papel de despertar, cultivar e transformar o ser humano. Tudo aponta para a Educação. E, todo o caminho que aponte para uma educação inclusiva, permeada de humanidade, vale a pena ser percorrido. E, nesse desafio de novas descobertas, visto que o saber é sempre novo, pois, mesmo o que já se sabe é ainda uma construção do saber, somos convidados a arriscar um passo a mais.

7 – MI ENCUENTRO CON EL (LOS) OPRIMIDO(S): PEDAGOGÍA CON PAULO FREIRE Y TEATRO CON AUGUSTO BOAL

Juan Pablo Gerter Urrutia

Profesor de Historia y Ciencias Sociales por la Universidad Austral de Chile.

Estudiante del Programa de Mestrado da

Faculdade de Educação da Unicamp.

E-mail: juanpablo.gerter@gmail.com

Este ejercicio que comienzo lo hago desde un viaje. No sólo físico. Porque el estar en Brasil, es parte de un camino en el que el pensamiento cambia en tanto la experiencia lo permite. Por eso es, que vine aquí cargado de mi experiencia como profesor. Cargado de dudas e incertezas. Vine, con muchas preguntas, pero que puedo sintetizar en dos: Por qué mi práctica docente no se condice con los intereses de mis estudiantes ni con lo que aspiro como una educación liberadora? 2) Por qué la desconexión de la educación de hoy, con lo que es necesario para Latinoamérica?

Es por eso que encontrarse con Paulo Freire fue una experiencia clave para iniciar el camino hacia algunas tentativas de respuesta. Pero sobre todo a sido un ejercicio de soberanía de mi propio ser. Ha sido volver a creer en la posibilidad de pensarse para crear y construir. No sólo como persona, sino como pueblo. De dejar atrás ese ejercicio tedioso de copiar y pegar modelos foráneos de práctica y pensamiento y no sentir culpa por eso. Es testimoniar que existe la legitimidad para detenerse, mirarse y decir: no estoy equivocado. Que no piense. que no crea lo que nos dicen que hay que creer, no es un error; es un camino hacia la autonomía. Legítima por tanto, una acción que en lo personal decidí hacer al estar aquí en Brasil:

reflexionar sobre mi práctica docente desde una praxis que me haga sentido con lo que vivo y veo.

Por otro lado, con la obra de Augusto Boal tengo la misma sensación que con Freire: eso de que son un producto que sólo en Brasil se puede haber construido. Pero agregaría otra cosa. Con Freire, tenía la noción estando en Chile -aunque no lo suficientemente desarrollada antes de estudiarlo- de lo fundamental que era la relación dialógica que se establece por medio de la praxis, entre pensamiento y acción, que mediados por el lenguaje, constituyen la cultura. Pero al llegar acá a Brasil y al empezar a estudiar y tener noción del cuerpo, con sus ritmos, mecánicas y movimientos, donde también se establecen límites y demarcaciones culturales que definen la realidad colectiva, vi un paradigma que se abría ante mí. Porque jamás pensé, quizás por mi idiosincrasia, por la cultura de la cual soy parte, que el cuerpo y su sometimiento, eran armas de dominación tan efectivas. Creía como dije antes, que mi alienación, era una cuestión podía ser superada a través del estudio y la reflexión desde la experiencia; donde el lenguaje mediando, era la herramienta por excelencia para la emancipación. Creía fervientemente cuando hacía clases en Chile, en esa lógica de superar la dominación.

Pero la dimensiones de lo posible, de lo conocido, nunca me hicieron llegar a ver que el cuerpo y su mecanización, aportaba a la causa represora del opresor. Y claro, desde mi experiencia, creo que la obra de Boal es fruto de este diálogo intenso entre una realidad que somete a los cuerpos, pero en donde -por la matriz cultural que Brasil tiene a partir de las culturas de África-, se conecta con una percepción del cuerpo más consciente que nosotros. De forma a su existencia, y su necesaria manifestación. En ese sentido, se me viene a la cabeza un ejemplo de ello que todos los foráneos podemos citar por su asombroso: la Capoeira. Esa arte de la defensa y el combate que era disfrazada por medio del baile. Esa expresión y percepción corporal es un mundo, una dimensión clave que sólo con estar acá, me hace cuestionar qué significa la liberación de los oprimidos.

En ese sentido, Chile tiene otra relación con el cuerpo, el teatro y las artes. Es menos corpórea, y mucho más escrita. El clima quizás hace menos perceptible nuestro cuerpo. Principalmente de donde vengo, donde el frío y la lluvia, o el calor deco y las estaciones marcadas, te invitan más a la contemplación. Más al ejercicio de lo escrito que el de la manifestación corporal. Y ejemplos hay. Gabriela Mistral, profesora de educación rural, y primer Nobel latinoamericano; es la llama viva de ese relación de nosotros con nuestro entorno. Ella, desde del norte de Chile, es hija de la sequedad del desierto. De su soledad e intempestiva inclemencia cuando hace frío en la noche, o calor a lo largo del. O Pablo Neruda, en el otro extremo del país; es quién con sus palabras dibujó la América andina. Relato a la

hispanoamérica a través, nuestro más famoso embajador, que de su Canto General, trazó a través de las palabras lo que para muchos fue el primer acercamiento a lo que como latinoamericanos hemos reconocido como una identidad construida desde aquí: América Latina.

Finalmente, me gustaría señalar que el ejercicio conjunto de pensar en los aportes a mi camino recién iniciado que hacen Boal y Freire, son una invitación, un imperativo ético a recuperar la cultura. A recuperar el lenguaje: tanto corporal, escrito y hablado. Re Significarlo desde nuestra condición de latinoamericanos.

Ahora bien, y para cerrar esta reflexión, quisiera comentar una última cuestión que atañe a mi oficio en relación a Freire y la educación:

En qué parte de nuestro sistema escolar hemos roto el ejercicio dialógico de comunicar lo pensado y lo hecho? Con qué fin? Respecto a lo primero, creo que en la disociación de las disciplinas Historia y Filosofía. En Chile y también en Brasil, las escuelas desde sus orígenes han separado a estas dos formas de interpretar y ver la realidad; dos materias que en realidad no pueden sino estar juntas para la interpretación y conocimiento de nuestro entorno, pero que su comunión no ha sido afín a los intereses de quienes modelaron la nación moderna.

Por otro lado, cómo la escuela separa algo indisolublemente asociado? Pensamiento y acción. Todos los movimientos de la historia, parten desde un ejercicio que puede ser lógico o emocional, incluso instintivo; pero que comienza desde una manifestación de voluntad que determina cierto cause en la acción. Es así como ocurren los hechos. De ahí que separar la Historia y la Filosofía, es separar la intencionalidad de la acción.

Por eso es que el ejercicio curricular de hoy en las escuelas, de describir la Historia como una sucesión de hechos que por causa del movimiento natural de las cosas, del mundo, se dan en una construcción lineal y monótona; y en el caso de la Filosofía, transformala en un ejercicio de divagación sin conexión con lo real; quita cualquier motivación de entender el cómo nos hicimos, y por tanto, es una forma de opresión, que no resiste más para los desafíos de la educación que hoy necesita latinoamérica

8 – REFLEXÕES ACERCA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E TEATRO DO OPRIMIDO

Juliana Tristão Pasquini

Cientista social e professora. Mestranda no Programa de Pós-graduação da Faculdade da Unicamp. E-mail: julipasquini@gmail.com

Paulo Freire, em sua obra *Ação Cultural para a Liberdade* (1981), coloca que a construção e transformação da sociedade pode ser alcançada através de uma educação embasada em uma visão crítica, visão esta que busca discutir os conteúdos transmitidos a partir do contexto do educando, pois “estudar não é um ato de consumir ideias, mas de cria-las e recria-las” (Freire, 1981, p. 10).

Ele também se preocupa com a prática pedagógica do educador/professor em relação a autonomia do ser e do saber do educando colocando que "formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas" (Freire, 1996, p. 15). Nesse sentido, Freire traz em suas obras que uma visão crítica do mundo pode combater a ideologia dominante que aliena a educação.

Para tanto, o autor coloca que o educador deve problematizar sua própria ação educativa para proporcionar uma educação baseada na mediação, na qual educador e educando se tornam agentes de ação cultural que se orienta no sentido de uma síntese cultural que seria uma visão crítica sobre ele mesmo.

Em *Pedagogia do Oprimido* (), Freire traz uma concepção de educação pautada na “práxis de ação/reflexão/ação sobre o mundo, o conceito de opressão atrela-se às relações sociais de poder e a prática educativa aos atos coletivos de apropriação do conhecimento sistematizado e de transformação social. Reconhece-se o diálogo como base de relações horizontais e considera-se tanto o pensamento simbólico quanto o pensamento sensível no processo de conhecimento” (PEIXOTO FILHO & MARQUES, s/data).

Por sua vez, o *Teatro do Oprimido*, de acordo com Boal – seu idealizador – busca possibilitar ao espectador um papel de sujeito agente que deixa sua forma passiva de assistir ao teatro e passa a fazer parte da ação dramática, isto é, torna-se protagonista e transformador de sua realidade. Nesse sentido, o espectador protagonista desenvolveria sua autonomia e liberdade crítica para agir em sua realidade.

O *Teatro do Oprimido* está baseado em três principais princípios: a reapropriação dos meios de produção teatral pelos oprimidos; a quebra da quarta parede que separa o público dos atores; e a insuficiência do teatro para a transformação social juntamente com a necessidade de ele se integrar ao contexto político e social.

Esse tipo de teatro busca denunciar as condições sociais e políticas oferecendo as ferramentas para que o sujeito reflita e aja conscientemente e criticamente em sua realidade para poder transformá-la.

Assim como na *Pedagogia do Oprimido* – e em outras obras de Freire – como no *Teatro do Oprimido*, há um posicionamento contra hegemônico e o compartilhamento do ideal de que o oprimido, por meio de sua ação como

sujeito crítico, pode romper com a realidade alienadora e, dessa forma, alcançar sua autonomia e liberdade.

Peixoto Filho e Marques (s/ data), ao citarem Paranhos (2009), colocam que este autor

traça um quadro comparativo entre a Pedagogia e o Teatro do Oprimido destacando o esfacelamento da barreira entre educador e educando, na proposta de Freire, e o esfacelamento da barreira entre espetáculo e plateia, no teatro de Boal. Aponta também o papel ativo do educando que “participa tanto da pergunta quanto das possíveis respostas” na Pedagogia do Oprimido, em afinidade com os espectadores que “participam da produção, roteiro, atuação da dramaturgia e propõem e encenam soluções” no Teatro do Oprimido. Apresenta a educação “como um processo que extravasa a escola e segue pela vida, em sua transformação – vocação humana de ser mais” e o espetáculo “como um processo que extravasa o teatro e segue pela vida, exigindo ações concretas em transformação da realidade”

Pode-se concluir, assim, que “a utilização das ferramentas do Teatro do Oprimido atende ao objetivo de formação de um professor autônomo, onde se torna premente um trabalho que se baseie na construção da autoimagem do professor, e que, também, possibilite a ressignificação do ato educativo” (PARANHOS apud PEIXOTO FILHO & MARQUES, s/data).

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 165 p., 1996.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987.

PEIXOTO FILHO, J.P. & MARQUES, E.M.D. *Teatro do Oprimido e educação: perspectivas para as práticas escolares na atualidade*. Disponível em

http://www.anpae.org.br/iberoamericano2012/Trabalhos/JosePeixotoFilho_re_s_int_GT1.pdf

9 – ENCONTRO-ME COM O(S) OPRIMIDO(S) EM PAULO FREIRE E AUGUSTO BOAL

Luiz Henrique Pereira Mendes
Pedagogo. E-mail: mendes_luiz@yahoo.com.br

A participação como Aluno Especial na disciplina FE-194, faz parte das metas que estabeleci em 2017 (retomar os estudos). Desde a graduação em Pedagogia no ano de 2006, fiz uma especialização em 2009 e mais nada. Foi um período de trabalho, trabalho, trabalho, até ser dispensado em 2017 e fortalecer essa meta. Foi quando consegui o ingresso como aluno especial e fortalecer as expectativas a tentativa do ingresso como aluno regular do Mestrado... (3 pontinhos pois ainda acho um tanto ousado da minha parte).

Desde o primeiro encontro, no dia 08/03/2017 tenho buscado fazer o registro de cada descoberta. Compreendo que fazer a escrita de cada reflexão que vivenciamos fortalece o registro para a eternidade, além de não abusar da memória. Como fora apresentado pelos professores a ideia de um texto ensaístico, venho fazendo esses registros, de forma que não seja um copie e cola, mas recurso para descrever com minhas palavras os pensamentos que se formam e deformam sobre a educação.

Toda minha trajetória profissional foi atuando com a educação não formal em Organizações da Sociedade Civil (antigas ONGs). Destaco quantas influencias tive para escolha do curso de pedagogia e depois a escola profissional, não pela educação formal, mas sim, pela educação não formal. Quando no encontro do dia 26/04/2017, veio a proposta de um balanço escrevendo o que vivenciamos neste período, não tinha como escrever todas as descobertas, sem esse histórico anterior.

Todos os encontros foram surpreendentes, contudo, conhecer pessoalmente Carlos Brandão, foi algo que marcou, ao ponto de recuperar o porquê durante a graduação em que momento conversamos sobre os pensadores e educadores brasileiros?!?! Confesso que não fui um aluno muito aplicado na graduação, além do malabarismo de trabalhar o dia todo, estudar a noite e pagar as contas, fui participando de todas as ações que apareciam. Contudo, se não me falhe a memória, foi tipo nada de nada de Brandão e um pouquinho, bem pouquinho de Paulo Freire. Por isso o encontro do dia 22/03/2017 foi muito marcante. Ouvir um pouco de Brandão, me fez rever toda a trajetória de atuação na educação não formal, entre erros e acertos, formações e deformações, que na atuação enquanto pedagogo foi revendo o quanto contribui no trabalho dos educadores que estive como referência, além da minha própria atuação como educador social, frente a tantos desafios sociais, culturais, políticos, que vem a questão *Que Fazer?!!*

Foi então que garimpei mais informações sobre Carlos Brandão. Dentre todas as obras, fiz algumas leituras do *O que é Educação?* Contudo, a dedicação maior foi na leitura da obra *O Educador: Vida e Morte* de 1982 (*Edições Graal, 1984 – 5ª edição*). Olha, já li, reli, reli de novo e até agora me questiono onde estava que não conheci essa obra e que lugares entre fronteiras são essa que passados 34 anos, ainda ressoa como uma obra escrita agora?!

Neste ponto, questionando todo o processo de escolarização que passamos, me recordo de alguns apontamentos do Professor Adriano no primeiro encontro, a partir das nossas apresentações, ele destacou: *não somos conteúdos, somos continentes; deixar-se afetar, sair da zona de conforto; provocar descolamentos temporais e existenciais; evitar comentaristas*. Esses destaques ficaram marcados, mas o desafio em expressar, retoma o que aconteceu com os educadores que ao invés de nos fazer sair da zona do conforto, nos silenciaram?! Eles também foram silenciados?! O que aconteceu com a ousadia?

Nas releituras de Brandão, o quanto parece um tanto distante e por momentos, fictício a possibilidade de que *a educação muda pessoas, pessoas mudam o mundo*. Não quero aniquilar todas as conquistas, mas porque a luta por uma educação de qualidade, sendo essa um direito garantido na Constituição, precisa sempre ser uma luta?! Essas reflexões alavancam mais e mais questões sobre a prática dos educadores. A leitura e reflexão dos autores apresentados, bem como as prosas presenciais, tem enriquecido a reflexão sobre tais questões.

A cada encontro uma descoberta e um libertar-se das algemas, representadas pelo silêncio e o engessar das nossas formações. A própria disciplina, na verdade um encontro de pessoas, de amigos, foi se desenhando como um espaço de possibilidades. Para quem está de fora pode apenas parecer timidez, mas quando se vai a fundo, descobre-se o quanto oprimidos somos quando não conseguimos expressar nossas dúvidas e inquietações. Nesse pequeno tempo que convivemos na FE194, foi para minha uma experiência enriquecedora sobre o quanto posso ser maior do que sou. O quanto compartilhar com pessoas as desventuras pedagógicas pode contribuir imensamente com o meu desenvolvimento, ampliando as fronteiras e levando o mais significativo aqueles que fazem parte da minha vida, da nossa rede.

Nos encontros que tivemos durante a FE194 foi possível observar durante o depoimento de colegas da turma, o desânimo e as lutas que travaram por uma educação que muda pessoas. Ouvir outras experiências de profissionais durante as apresentações nos encontros também trouxe uma esperança que mudar é possível. Esse mudar que é o oxigênio que precisamos respirar para mudar o mundo.

Sinto-me hoje fazendo parte de uma família, encontrei amigos, senti-me fazendo parte da universidade pública. O quanto isso foi significativo para mim. Em tempo, não perdi o desejo em fazer parte como aluno regular, quando soube do texto ensaístico, minhas primeiras escritas foram sobre o caminho das pedras para chegar a possibilidade de frequentar uma disciplina do mestrado quanto aluno especial, quantos não almejam esse sonho, mas naquela educação bancária, não cabe sonhar. Mesmo assim,

ainda sonho, ainda quero e agora, com a energia renovada, desta comunhão que tivemos, sigamos na luta.

Como *ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão* (Freire, 1987, p. 52) meu depoimento destes 03 meses que passamos juntos, comprovam que isso é possível, que a diversidade, a pluralidade, a simplicidade não afeta o processo educativo, mas sim, transforma, renova e liberta. Quer melhor aprendizado que esse, melhor mudança que esta?

10 – INACABAMENTO E VIDA

Marcos Rogério Soares

*Professor de Filosofia, mestrado em educação (Unisal-Americana)
e aluno especial no Programa de Pós-graduação da
Faculdade de Educação da Unicamp.
E-mail: marcosfilo1@hotmail.com*

“Inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (Freire, 2004, p.50). Através dessa citação de Paulo Freire, começo a tecer um pouco do meu histórico de vida. Construção que se iniciou através dos esforços contínuos de meus pais, que com toda a simplicidade, mas ao mesmo tempo com muito empenho não limitaram esforços para que junto com meus três irmãos pudéssemos ter uma vida mais digna.

Meu pai natural de Corumbataí, interior de São Paulo, caçula dentre os irmãos, espírito esportivo, logo entendeu que a vida era feita de muitos esforços, e na companhia de vários irmãos que como todas as crianças aspiravam em realizar sonhos e fantasias, próprias da idade. Tinha uma grande admiração pelo seu pai que era responsável pela oração do terço e alfabetização dos filhos dos fazendeiros da época. Sua mãe responsável pelo lar, educava de forma enérgica, sempre disponível a uma palavra amiga ou conselho que rendia aos filhos grandes e oportunas reflexões.

Minha mãe, natural de Lins, interior de São Paulo, foi criada no campo e sempre menciona que sua relação familiar foi muito amistosa, pois fora acompanhada da educação de sua mãe, que sempre se mostrava presente, e do seu pai, que se orgulhava pelo seu trabalho e pelo cuidado legítimo e íntegro com os filhos.

“Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo” (Freire, 2004, p.53). Sou o caçula entre quatro irmãos,

segundo a descrição de meus pais fui insistente, pois em seus projetos de vida, findaria o processo com o terceiro filho, mas ao se prepararem para cirurgia, minha mãe engravidou e tive o privilégio de estar entre os viventes.

Meus primeiros anos escolares foram muito marcantes, tamanha era a ansiedade em conhecer a escola e estrear o banco da 1ª série como outrora era determinado. O primeiro ano escolar agregou muito em vários aspectos, entre eles, a disciplina de horários, a troca com novos grupos e a socialização como sentimento de pertencimento ao grupo e à questão da estima. De uma certa forma, sempre recebia elogios da professora, através de atividades bem realizadas, da postura em sala de aula e dos resultados favoráveis. Uma coisa bacana que também ocorreu dentre as muitas, é que, no período da 4ª série, eu tinha uma amiga que realizava comigo as tarefas de classe diariamente, assim, mantínhamos uma disciplina de horários e buscávamos sempre chegar a bons resultados nas avaliações, e fomos apelidados de “namoradinhos”, e, por incrível que pareça, essa relação criou uma marca positiva, visto que tenho melhor desenvolvimento estudando em grupo, pois, me vejo mais concentrado, as atividades rendem mais e me sinto mais produtivo do que individualmente.

Ao chegar no Ensino Médio, foi uma sensação bem diferente, os colegas normalmente diziam que essa fase seria muito mais difícil, não manteríamos os mesmos resultados favoráveis, como outrora fora no Ensino Fundamental II. O método educacional utilizado era a aplicação de conteúdos x absorção imediata por parte dos educandos. Destacava-se o aluno que conseguisse reproduzir com maior eficácia nas avaliações o conteúdo aplicado de maneira metódica. E um primeiro momento era muito difícil relacionar o conteúdo ministrado com a vida prática. De fato, vivenciávamos um método bancário, ou seja, depósito de informações, no entanto, sem necessariamente estabelecer uma relação direta com a realidade.

Dentro dessa dinâmica vivenciada, fui surpreendido assim como meus colegas de sala por uma indicação de leitura de um livro na aula de História, cujo título se não me falha a memória era: “A Invasão Norte-Americana”, e na capa a ilustração era um hambúrguer caindo no Brasil. Através da leitura em conjunto desse livro e as intervenções pertinentes da professora em sala, contribuiu grandemente para uma nova leitura pessoal e coletiva de mundo. “O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História”. (Freire, 2004, p.54).

A partir dessas novas intervenções, conceitos e relações diretas com a realidade que estava inserido, me senti mais próximo do conteúdo e ao mesmo tempo, a escola, o pátio, minha família, sociedade, amigos e sonhos começaram a ter um novo olhar, menos determinista a princípio e mais construtivo. Após esses elementos adquiridos no Ensino Médio, dentro do processo de discernimento, optei pela faculdade de Filosofia. Período muito fecundo em que a teoria x prática eram aliadas, onde proporcionou viagens para terrenos humanos que desconhecia. Dentre eles destaco um projeto desenvolvido na antiga Febem e hoje denominada (Fundação Casa) na cidade Marília-SP e um curta-metragem no aterro sanitário de Presidente Prudente, cujo, objetivo era fortalecer um projeto iniciado com uma Cooperativa de Reciclagem local.

Essas provocações humanas experienciadas na graduação fortaleceram o desejo e ensejo pela busca de uma transformação social efetiva, através da inserção no processo de educação de jovens. Obtive a oportunidade de apresentar um projeto educacional na área de Filosofia em um colégio particular de Campinas e desde então, me sinto desafiado diariamente pelos desafios do universo juvenil, sobretudo, dos educandos que são bolsistas e em sua grande maioria advêm de regiões menos privilegiadas social, econômica, cultural entre outras.

Por meio dessas inquietações que o próprio contexto sugere e através da disciplina: “Temas e lugares entre fronteiras: Educação e Vida”, a minha proposta de pesquisa surge do desejo de aprofundar o conhecimento sobre ética e esperança no atual sistema econômico e da ânsia de desenvolver o espírito de pesquisa, relacionando o conteúdo pedagógico e filosófico com a realidade social. O estudo da pedagogia, filosofia e ética não é indiferente ao contexto sócio-econômico em que se vive, dessa forma se pretendo aliar a teoria a prática e demonstrar por meio de algumas experiências, a possibilidade de transformar as estruturas do atual sistema neoliberal, excludente e opressor, a partir de iniciativas que visam resgatar a esperança de pessoas situadas as margens da sociedade, dentro dessa perspectiva, os educandos advindos de regiões mais vulneráveis socialmente.

Penso, que dessa forma a pesquisa possui uma função social e educativa, na medida em que visa despertar a consciência solidária e participativa de cada pessoa que vier a tomar contato com o trabalho e incentivar a ser mais um agente de restituição de esperança aos mais sofridos e excluídos pelo sistema neoliberal.

Finalizo com uma das contribuições do professor Brandão, acredito que no primeiro encontro, onde dizia que se faz necessário mudar as concepções pré-determinadas sobre a educação, pois, dessa forma, se permite a quebra de paradigmas e ao mesmo tempo, a criação de “novas lentes” que nos permita vislumbrar a beleza de novos horizontes em

detrimento de uma visão estereotipada e viciada de uma fragmentação humana.

“Gosto de ser gente porque mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam” (Freire, 2004, p.54).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

11 – MUITO PRAZER, OPRIMIDOS!

Marisa Regina Leite de Souza

E-mail: marileitesousa@hotmail.com

Fui apresentada há pouco a Paulo Freire. Desconfiava, em minha pouca sabedoria nesse assunto, que nossa amizade teria um grande rombo de comunicação. De um lado, uma simples professora de Literatura, de outro, uma classe média, dotada de um pensamento elitista, de poucos saberes e poucos questionamentos, que conhecem o mínimo da experiência vívida e apaixonante de um homem que ousou, em todos os aspectos, a experimentar o mais em detrimento do menos, de se apaixonar pelo ensino que não oprime, que anseia por um aluno crítico, pronto para contestar, em um questionamento vivencial. Homem que sonhou com a descontabilização da educação e que pretendeu a participação efetiva do menos favorecido de uma sociedade repressora, unindo assim, professor e aluno num constante crescimento em que não existam púlpitos de discursos em uma plataforma que não promove a abertura do diálogo contínuo, que leva e eleva o crescimento. Difícil utilizar o tempo verbal correto quando se trata de Paulo Freire, pois ele foi, fez, é, e faz.

Sempre que me entrego a novos relacionamentos, olho apaixonada para nossos poetas. Poetizar é, para mim, a mais rica experiência humana. Aprende-se muito no ofício do ver-sejamento, no ritmo embolado e preciso das sílabas poéticas, nos decassílabos precisos do grande ofício que se chama amor:

*“Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,*

andando em bravo mar, perdido o lenho.”

Camões

Nesses dias atrás, fui abordada por um aluno, quando falava exatamente sobre Camões e seu *Os Lusíadas*,:

_ Professora, quanto tempo teria levado o poeta para conseguir elaborar sua famosa epopeia.?

Pensei, pensei e respondi com toda certeza: quase uma vida!

Mas, me perguntam, o que tem de semelhança entre Camões e Paulo Freire?
“*Miga, cê tá loka?*”

Mal sabem que os grandes poetas, os grandes idealizadores, os grandes homens, têm suas parecenças? Aquele, no seu constante exílio real e o outro no seu exílio mental, desejaram para suas pátrias o encantamento de uma pátria poderosa, aquela que se faz liberta de egoísmos, de entraves burocráticos, de picuinhas, de conchavos, aquela que se apresenta como a pátria ideal de grandes sonhos e de muitas batalhas.

Camões ousou sonhar com uma Portugal poderosa, digna de um povo batalhador, que dolorosamente sonhou com a volta de um imperador, que resgataria sua pátria das mãos de Espanha, transformando em mito a volta imaginária de um Dom Sebastião que partiu a navegar e não mais voltou.

Paulo Freire ousou sonhar com uma educação libertária, dentro de um país tão machucado por tantas crueldades, de feridas abertas, de peitos sangrando, de mentes ávidas de um conhecimento real e humanitário.

Como já versejei Camões acima “*que não temo contrastes nem mudanças, / andando em bravo mar, perdido o lenho*”, Paulo Freire, ousou também enfrentar o bravo mar, perdendo muitas vezes o lenho, mas deixando a direção dessa embarcação nas mãos daqueles que o conhecem, conheceram e, principalmente, naquelas mãos daqueles que estão sendo apresentados a ele.

Muito prazer, Paulo Freire!

12 – ENCONTROS, REFLEXÕES E HISTÓRIAS DE VIDA

Max Mesquita

Químico industrial, pedagogo e professor. Mestrado em Energia Nuclear na Agricultura pela Esalq/USP e pesquisador do GEPEJA/Unicamp.

E-mail: nikamax@uol.com.br

Tentarei ser original, mesmo sabendo que não serei, pois acho que , como eu todos que lêem , estudam e se apropriam de saberes que lhes alimentam a mente de forma afetiva e calorosa não conseguem.

Meu percurso enquanto membro do grupo da disciplina Seminários Avançados I – Temas e lugares entre fronteiras: Educação e Vida orientadas pelos professores Carlos Brandão, Nima Spigolon e Adriano Nogueira iniciou-se um semestre antes em discussões na Rosa dos Ventos, local de algumas reflexões de sobre vida e educação.

Os encontros começaram com um grupo tímido e que depois no querer e no sem querer se constituiu por sujeitos construtores de uma vida individual crítica, política e participativa, através de momentos de afetividade e reflexões profundas sobre histórias , sobre caminhos já e a serem trilhados e barreiras transpostas.

Fomos aos poucos, nos encontros com os convidados como o Professor Fabio Villela, (vivência das mulheres da EJA do noroeste paulista), Francisco Carlos Bodião e Roberta Satto (Fórum de Defesa da Criança e do Adolescente do Butantã), com o Sidney (reflexões sobre o memorial da América Latina e a sua história) e com o as intervenções dos professores Adriano, Nima e Marli tomados de novos conceitos, fizeram com que novas visões e leituras de mundo nos proporcionassem um crescimento exponencial e infinito de possibilidades de resistências a posições tomadas e impostas .

Através, de discussões prazerosas e frutíferas com Professor Carlos Brandão nos vimos como participantes da construção dos nossos sujeitos, aprendendo a nos apropriamos de nossos saberes de maneira crítica e política.

Vivenciamos Paulo Freire, e sua vida, obra e inserções educacionais. Através de aprofundamentos e reflexões nos tornamos mais Freirianos mais dialogistas em nossos saberes éticos sociais e transformadores de uma realidade que queremos, uma realidade de práxis educacionais mais justas e menos exclusivas e mais inclusiva.

Por fim vivenciamos um pouco sobre Augusto Boal através das falas e depoimentos de nossos colegas Mia e Ivan, sobre a construção por Boal de um método estético de arte que se constrói em um fazer político e artístico e que assim constrói a sua identidade. Boal propôs um método uma investigação estética e representação artística dos mecanismos de opressão para a construção de opressão para a produção de conhecimento e consciência e de ações concretas. Boal dizia que sem a eliminação da barreira entre o palco e a plateia garantia-se o livre acesso entre artistas espectadores, convidados a atuar também como artistas como sujeitos sociais, produtores de culturas e conhecimentos, para travar um diálogo horizontal e propositivo, no qual a protagonista não seja objeto da caridade

da espectadora. Afirma também que a horizontalidade do diálogo isto é relação entre iguais pressupõe que estabeleça um ambiente de solidariedade, no qual o espectador, por reconhecer a injustiça imposta a protagonista e perceber a relação de interdependência entre a luta travada no palco e sua luta como cidadã, entrar em cena para buscar alternativas, que venham, em última instância beneficiar a ambas.

E exatamente em confluência com este pensamento de Augusto Boal que se vê, os pensamentos de Paulo Freire em que se tem o sujeito a construção cidadão, através de uma visão crítica política e de uma e valorização de conhecimentos através de sua própria visão de mundo vivenciada através de seus encontros inter-relacionais nos mais diversos cenários de sua trajetória de vida.

E assim foram nossos encontros, entre reflexões e histórias de vida, entre vivências e construções coletivas que, espero que para mim como para todos, tenham corroborado com alguns subsídios e nos instrumentado intelectualmente para a resistirmos a dominação de uma organização institucionalizada e hegemônica que insiste através de todos os meios nos fazer acreditar que nossa realidade e nossa vivências são as delas.

13 – MEU ENCONTRO COM FREIRE E BOAL: RE-ENCONTRO O(S) OPRIMIDO(S)

Michele Adriana de Moraes (MIA)

Pedagoga, filósofa, mestre em Educação e Curinga do Teatro do Oprimido.

E-mail: mialdra@hotmail.com

No meu (re)encontro com Freire e Boal, nesta disciplina, pude perceber que educação para libertação só pode ser uma coeducação e que para existir de fato a libertação do oprimido, há que se acreditar na capacidade pensante deste ser oprimido, há que se acreditar em suas potencialidades, há que se estar junto de, e não simplesmente ao lado de. Isso me ajuda a pensar a minha prática enquanto docente, o quanto o dia a dia da escola ainda está mais próximo do que Freire chama de Educação Bancária e principalmente, do quanto tenho que escolher diariamente me afastar desta educação e me posicionar criticamente para uma prática educativa emancipadora, esse é um desafio dos mais radicais e difíceis que se pode viver. Epistemologicamente isso me parece bastante sério; o que estamos fazendo na academia quando desenvolvemos nossos projetos?

Ajudamo-nos mutuamente na nossa própria libertação e na criação do Ser Mais junto aos oprimidos, ou simplesmente mantemos o *status quo* e o privilégio dos opressores? Nesta disciplina, pude vivenciar a pedagogia Freiriana na prática, a cada encontro percebia que a dinâmica proposta fugia completamente ao que conhecia como aulas de Pós Graduação. Estava em certa medida me libertando, vivendo a vanguarda na academia. Viver a vanguarda na academia me permitiu partilhar o meu (re)encontro com Boal, dividir com os colegas os ideais Boalinos foi mágico, perceber o quanto estes dois grandes educadores coadunam em suas teorias e práticas me fez reavivar a admiração por eles e reafirmar o quanto é importante querer fazer parte de uma prática transformadora, coletiva e comunitária. Ambos nos oferecem como prática a **Comunicação – Dialógica**, um encontro de saberes e aprendizagens no qual os sujeitos cognoscíveis possam tomar distância do objeto de conhecimento para depois aproximar-se dele de novo com outras propriedades. Estes incríveis pensadores fomentam a importância da superação de todos os tipos de opressão, pensam o bem coletivo através do posicionamento crítico e ativo em relação às desigualdades sociais e me fazem acreditar em um mundo menos injusto, mais bonito e igualitário, onde todas as pessoas possam ser consideradas sujeito de conhecimento e ação, onde todos possam SER MAIS, onde todos possam ser ESPECT-ATORES, Evoé!

14 – A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO: PERGUNTA, MOVIMENTO, SONHO, CRIAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO...

Nathalie Cristina Wutzki

*Professora de ciências, mestranda no programa de pós-graduação
Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática (PECIM-UNICAMP).*

E-mail: nathaliecw@gmail.com

“Caminho que a gente é,
Caminho que a gente faz:

Para viver,

Para andar

Para outros caminheiros se ajuntar”

Pedro Casaldáliga

Conto aqui um breve relato sobre uma caminhada, pegadas marcadas por inquietações, contradições e encontros com outros caminheiros. Começo

contando o lugar do qual eu falo, ao me encontrar com as palavras de Paulo Freire trago comigo as lembranças do que vivi como professora na rede estadual em Campinas.

Quando iniciei em 2012 como professora de ciências, me recordo da minha motivação e uma certa ousadia, talvez por não saber muito bem o que eu estava fazendo. Acreditava, de forma ingênua, poder dentro do meu “espaço-tempo” na escola superar os obstáculos, ignorando as condições em que nos encontrávamos, como se o processo dependesse apenas do meu esforço ou “boa intenção”. Nesse tempo vivi momentos que me traziam convicção que estava no lugar certo, onde me sentia realizada, que apesar das dificuldades queria ser professora... mas ao mesmo tempo, o cotidiano e a ausência de um espaço de diálogo e reflexão me levavam a questionar o sentido, se valia a pena o esforço para construir outras possibilidades em uma estrutura desumanizante, onde a busca do novo era desencorajada. Em alguns momentos me sentia sendo levada pelas circunstâncias. Apesar disso, continuava tentando. Essa postura desesperançosa me inquietava, não era o meu lugar...

Revisitando essas memórias em diálogo com Paulo Freire, encontro a palavra/ideia que requalifica o meu ser/estar no mundo, a partir da apreensão da inconclusão (minha, sua, nossa, da história). Aprendendo a “amar minha inconclusão” me reconheço nesse movimento de busca por ser-mais. Entendi também a possibilidade de uma inserção crítica, nesta realidade que não está dada, mas em processo de vir-a-ser, compreendendo os obstáculos, percebendo as situações-limite e as possibilidades para o inédito viável. Essa perspectiva coloca a prática pedagógica como desafio, como pergunta, como objeto de ação-reflexão-ação para não cair em armadilhas que levam ao imobilismo, frustração e desesperança.

As palavras de Paulo Freire têm essa capacidade de transitar de forma fluída e ao mesmo tempo inquieta entre nossas experiências, despertando compreensões sobre o que antes parecia nebuloso... talvez porque são palavras que surgem de mergulhos profundos na realidade do ser educador. Palavras/ideias que retornam ao movimento da vida sempre como uma reinvenção. Viver o processo de formação de um grupo, de um círculo de cultura, de me encontrar nas palavras e experiências de outros caminheiros, fortalece a convicção de que é através do diálogo que nos educamos, que este não é “enrolação” para depois começar o processo “sério”, o diálogo é o processo que acreditamos como educação. A coerência entre a teoria e a prática, apesar e através das nossas contradições e circunstâncias, é aceita como desafio, como busca possível e necessária.

Compreendo a partir dessa experiência que o diálogo só pode existir em um ambiente construído por relações onde a emoção que as alimenta é o amor, não um amor romantizado ou como uma suposta harmonia, mas como

Maturana apresenta, como domínio de ações nas quais o outro é compreendido como legítimo na convivência. É nesse ambiente amoroso em que nos reconhecemos, nós mesmos e os outros como legítimos, que se tona possível que a palavra não seja apenas dita, mas que se constitua em movimento na construção do conhecimento.

Esta forma de pensar a educação se contrapõe ao autoritarismo e as relações de dominação que, como nos lembra Rubem Alves nos fazem esquecer o que somos a fim de nos recriar a imagem e semelhança de um Outro. Ao se constituir a partir dos sujeitos, é sempre uma prática criadora, os atos de conhecimento e de criação caminham juntos e a prática educativa ocorre em processo contínuo de reinvenção em que vemos na nossa prática como educadores também o nosso processo de ser-mais.

Nesse primeiro semestre conturbado e doloroso de 2017, estranho seria não se sentir em alguns momentos desencantados (as) ou até mesmo fatalistas. A questão é que na educação, esse fazer, sem um projeto, sem esperança, perde o sentido. Estar com outros (as) colegas e ouvir as experiências deles (as) como educadores (as) em tantas situações adversas nos fortalece, ampliando as possibilidades de criar caminhos/artimanhas para re-existir.

Percebo que o caráter antidemocrático na forma de governo repercute em enquadrar ainda mais os educadores e educadoras em abordagens tecnicistas do processo educativo, que buscam mascarar sua dimensão política; uma educação que não questiona, não cria, não nos humaniza, apenas reproduz. É compreensível que Paulo Freire incomode tanto os partidários dessa forma de pensar a educação, por explicitar a questão fundamental “em favor de que conhecer e, portanto, contra que conhecer; em favor de quem conhecer e contra quem conhecer” desvelando a obviedade da educação como ato político e a impossibilidade de uma “educação de qualidade” desvinculada de interesses e projetos de sociedade.

A partir dessa caminhada compreendo que o comprometimento com a escola pública envolve dois movimentos: ocupa - lá com competência, criatividade, amorosidade e clareza política, procurando “brechas” possíveis de ação e, ao mesmo tempo, entender que sua transformação estrutural não se dará como um “presente”, mas como uma conquista que exige organização e luta. Eu não posso ser educadora sem um sonho na mente, um projeto de mundo que quero participar na construção, o encontro com outros caminhadores me encoraja a dizer que isso não é idealismo, mas sim o ingrediente humanizador da minha práxis pedagógica que se opõe as estruturas e sistemas que tentam apagar a boniteza da educação, que se da na relação entre eu o outro e o mundo.

15 – A LIÇÃO QUE VEM DA OPRESSÃO

Nelton Miranda

*Graduado em Filosofia, História e Pedagogia. Especialização em Filosofia Política e Coordenação Pedagógica. Professor de Ensino Médio e EJA na Rede Estadual de Ensino de São Paulo e Supervisor Educacional na Prefeitura de Campinas - Naed Noroeste.
E-mail: nelton.miranda@hotmail.com*

Nesse meio século de vida, não aprendi quase nada sobre Paulo Freire e nada sobre Augusto Boal.

Fui apresentando, de fato, a Paulo Freire em 1997, em um dia de greve do magistério paulista. Tínhamos acabado de enfrentar a cavalaria e sentamos nas ruas, em frente ao Palácio dos Bandeirantes, e na roda de conversa alguns colegas de magistério falaram de um homem que escrevia sobre uma pedagogia “estranha” e bem próxima do que fazíamos nas nossas escolas das periferias de São Paulo. Dali para adiante, comecei a ler Paulo Freire e identificar-me com o que ele escrevia.

Participando do GEPEJA (Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Educação de Jovens e Adultos) e matriculado em uma disciplina na Faculdade de Educação da Unicamp (Temas e lugares entre fronteiras: educação e vida), nesse ano, 2017, conheci pessoas “estranhas” falando de pessoas “estranhas”. Uma dessas pessoas estranhas é Augusto Boal e uma experiência de teatro, denominada Teatro do Oprimido. Ainda não sei nada de Boal. Vou precisar viver mais meio século!

Mas, o que não li de Freire e Boal, vivi, intensa e vivificadamente: a opressão dos oprimidos.

Nascido pobre, filho de mãe desquitada (ser filho de desquitada era ser possuidor de todas as doenças sociais e da alma), de orientação homossexual, do interior caipira, não era negro: senti na vida e na consciência o que era ser marginalizado e invisível para a sociedade elitista (era pobre, quase miserável), patriarcal (filho de desquitada, quase puta), machista (sendo abusado sexualmente pelos chamados homens macho), e urbana (onde as pessoas do sítio e das cidades pequenas eram tidas como ignorantes e incapazes). Era nesse contexto que precisava existir e subsistir.

“O importante não é o que fizeram de mim, mas o que eu faço com o que fizeram de mim” (Sartre). Aprendi que precisava estar coletivamente, inserido na luta e na militância. Compreendi que podia fazer da minha vida e da vida dos que me cercavam, nos lugares onde estava, um tempo de significações.

Nesses anos de docência e de militância, tenho ressignificado minhas práticas, teorias e lugares, com a organização de um coletivo forte e com o envolvimento na vida e na luta das pessoas que buscam na educação, um sentido de pertença no mundo.

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão, diz Paulo Freire. Sentir-se parte da vida social e econômica de um lugar é empoderar-se na construção da felicidade individual e coletiva de um povo, tomado de história e de humanidade.

Nas certezas de Boal e também de Freire, o teatro e a educação são caminhos pelos quais o povo reassume sua função protagônica no teatro, na escola e na sociedade.

Por tudo isso e pelo presente, entendo que, na prática e na labuta diária, já lia e fazia acontecer, o que Freire e Boal ensinam nos seus livros e teses, sobre a luta do oprimido. Preciso continuar entendendo e vivendo!

Agora é preciso, dialogicamente, levar para os tempos que virão à certeza de que é necessário unir vivência com teoria, Freire com Boal e transitar, sem hesitar, pelas estradas e palavras ditas e ensinadas por Paulo Freire e Augusto Boal.

16 – O MEU (RE)ENCONTRO COM O OPRIMIDO

Vanderlete Pereira da Silva

Professora da Universidade do Estado do Amazonas. Doutoranda do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp.

E-mail: vanderletesilva@yahoo.com.br

Os estudos e vivências oportunizados pela Disciplina, me ajudaram na construção e reconstrução de ideias produzidas nas trajetórias da vida e do trabalho com educação. O contato com a bibliografia e os convidados que estiveram presentes, partilhando suas experiências, me ajudou na releitura de um pensar que, mesmo possuindo um certo nível de criticidade sobre a realidade, tem limitações a serem vencidas para compreender as relações que se estabelecem entre as pessoas e suas produções, sobretudo nas diferentes formas de dominação e exclusão que as classes sociais impõem umas às outras e o processo de transformação que vai ocorrendo.

Pensar o mundo de forma crítica é um exercício que exige esforço permanente e rigoroso, por conta da complexidade de como o real se compõe/produz e se apresenta aos nossos olhos. Assim, retomar os estudos sobre o oprimido, a partir do pensamento de Paulo Freire, além de se

constituir como uma necessidade inerente a condição de estar no mundo e na companhia dos outros, com os quais compartilhamos a difícil experiência das relações humanas, conforme o próprio Freire nos alertou, na atual conjuntura, se faz obrigatória, no sentido de fortalecer nossas convicções. Todavia, é preciso pensar instrumentos para o enfrentamento das muitas batalhas, deflagradas recentemente na história brasileira.

As tardes de compartilhamento de expectativas e saberes, ornamentadas com as histórias de vida dos participantes e as muitas provocações dos professores, potencializaram as tantas interrogações que trouxemos. Perceber os lugares entre fronteiras, entendendo a educação enquanto vida, nas suas mais diferentes manifestações, colocado de diferentes formas durante as aulas, foi um exercício transgressor que pode contribuir para pensar instrumentos de emancipação dos oprimidos, como nos fez ver o Professor Fábio Fernandes Villela, nas suas experiências com a cultura ambiental e a valorização dos saberes tradicionais das mulheres, confirmando a ideia várias vezes repetida e demonstradas no curso, que: “os saberes estão dentro e fora da universidade” e “a educação escolar é somente uma das muitas formas de educação”, que o ser humano pode experimentar.

Desta forma, as reflexões que considero imprescindíveis no campo da docência, onde trabalhamos com a formação de pessoas e as possibilidades de emancipação subjacente as formas de educar, na perspectiva freireana, foram iluminando alguns caminhos. A conversa com Francisco Eduardo Bodião e Roberta Satto, sobre educação e militância político-pedagógica, foram significativas nesse sentido. Trouxeram dados que serviram como um convite a pensar a complexidade do mundo e os processos de dominação a que somos submetidos, acompanhada da luta pela permanente hegemonia e avanço do grande capital, que mais recentemente, vê a educação como grande e lucrativo mercado e tem agido vorazmente nesse campo.

Compreender melhor os espaços educativos e sua interlocução com a vida, sem fronteira que as distancie, para ler o cenário atual como resultado de intervenções políticas, cuja intencionalidade define os rumos da sociedade, configura-se como condição para o enfrentamento das condições de exclusão nas quais as massas estão submetidas. Assim, as discussões oportunizadas na sala de aula, a leitura dos textos e a participação dos convidados, nos ajudaram na reflexão sobre os problemas vivenciados na contemporaneidade, que estão além do que localizamos num dado grupo social. Não se trata de uma situação específica, desconectada de um todo. Mas, estão vinculadas a uma questão maior, relacionada as lutas hegemônicas, cujas estratégias de ação acirram as contradições sociais e aumentam as distâncias da divisão do mundo entre os que tem e os que não tem. O olhar sobre diferentes perspectivas da realidade, possibilitado pela

interação com os convidados e suas atuações nos diferentes contextos, foi estratégico para essa construção.

A percepção mais apurada, sobre as diferentes formas de educação, permitiu fazer conexões importantes, olhando para além da periferia dos problemas identificados, buscando relações com o contexto social mais amplo. Ajudando também na percepção e valorização das experiências que estão sendo produzidas, embora ainda sem que muitos, talvez se deem conta da força mobilizadora que tais experiências estão promovendo, na busca da reinvenção das alternativas de viver um mundo mais solidário e com menos opressão.

Acredito que, considerar o existente e atuar numa perspectiva contra hegemônica, contrapondo-se as concepções excludentes e reduzidas de compreender o processo educativo, pode ser um caminho de ruptura com a opressão. Retomar o encontro com a pedagogia do oprimido e Freire, ampliado pela estética de Augusto Boal, para mim, até então desconhecido, também, inevitavelmente, me faz pensar acerca da exclusão como fonte geradora de alternativas, não como imobilidade definitiva, fim das possibilidades de alteração do real. Mas ao contrário, nos instrumentaliza para problematizar o “normal”, o aparente e, desta forma, enquanto docente, pensar a formação sempre voltada para a constituição do sujeito incomodado, que interroga e se interroga diante das provocações das condições objetivas de sobrevivência.

As provocações durante as aulas nos alertaram sobre o perigo das ideias que vão sendo aos poucos internalizadas, sem as devidas reflexões e que comprometem e retardam o processo de emancipação social. As diferenças culturais nos são corriqueiramente apresentadas, impondo-nos formas simplórias de compreendê-las, criando rivalidades em contextos absolutamente distintos e desconhecidos o suficiente, para impedir-nos da emissão de opiniões pouco refletidas, conforme a leitura de Bosi, em *Dialética da Colonização* (1992), nos acenou.

Reencontrar com as discussões oportunizadas na Disciplina, ampliou a sensibilidade acerca da diversidade das experiências humanas e das formas diversas de interação com o mundo, com o entorno, com a vida cotidiana. O que faz com que cada um encontre alternativas distintas para resolver seus problemas, criando culturas singulares, precisa ser valorizado pela escola, a fim de criarmos espaços que possam influenciar novas reflexões e posicionamentos frente as imposições de ideias hegemônicas que desvalorizam a diversidade que compõem o humano.

Considero que a desmistificação das fronteiras que separam a educação escolar da vida e as concepções que colocam a escola e a universidade como espaços superiores de construção de saberes, sinaliza para pensarmos experiências menos excludentes. Pois, o olhar mais

qualificado, certamente consegue perceber com mais clareza, as objetivações produzidas e reproduzidas pelos seres humanos em suas lutas pela e contra a hegemonia e emancipação das classes sociais reconhecidas na sua pluralidade.

Acredito que, nesse sentido, a Disciplina cursada contribuiu de forma significativa para fornecer as pistas que nos ajudam a dimensionar as lutas que precisam ser empreendidas para uma educação de fato emancipatória, abrindo caminho para outras interrogações até então despercebidas que possam romper com todas as fronteiras que impeçam a liberdade de ser, em qualquer espaço educativo, em especial, o espaço escolar.

17 – SOBRE SONHOS, LIBERDADES E AFRICANIDADES

Wilson Queiroz

*Professor de matemática da rede municipal de Campinas, mestre em educação pelo Gepec - Unicamp, editor do Informafricativo e poeta cordelista.
E-mail: wilsonq10639@gmail.com*

O LUGAR DO SONHO.

(Para minha avó Angelina)

Nelson Saúte

“Da Munhuana está memória estilhaçada.
Em mnha imaginação refaço o perfil suburbano
De uma infância degolada.
E mergulho no lugar do sonho.
Agora no mastro outra bandeira içada.
Já não tenho o tempo de inocência e paz.
Resta-me o retrato que incendeia a memória
Quando a metáfora explode na brancura do papel
e rima a casa de madeira e zinco,
e a canção de minha avó, Angelina.
O meu encanto desdobra-se marginal
na rua onde assisto à passagem da noite baça.”

Pensar e dizer Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido) e Augusto Boal (Teatro do Oprimido), na busca por construir uma educação e a vida de

outras formas em diálogo com os estudos realizados nesta disciplina, mobiliza aspectos e vivências outras.

O sonho da liberdade, ou a construção dela é um movimento e nesse sentido o lugar possível e necessários das africanidades é imprescindível para compreender o processo que esta construção/conceito possibilita, e tomados por ambos os autores como mote: a opressão.

É de certa maneira a necessidade de especificação da percepção da opressão vista por uma população que foi e ainda é alvo de sustentação de uma enormidade de opressões produzidas e vivenciadas no sistema capitalista desde de sua origem.

O sonho da liberdade, da opressão vivenciada pelo processo de desumanização dos negros com a escravização e seus desdobramentos para a atualidade, de alguma maneira pode e amplia a compreensão da categoria opressão utilizada por ambos autores.

O lugar da educação, do educador e da vida permeiam potenciais formas de libertação, afinal o sonho é a liberdade, ser livre racialmente, livre economicamente, livre filosoficamente, livre intelectualmente, humanamente livre de toda e qualquer opressão.

A opressão é um pretexto para a liberdade, para a criatividade, para a experimentação, para a indagação, para a resistência e para uma perspectiva de vida sem opressão ou que confronte todas as formas de opressão que nelas podem estar contidas ou subordinadas.

Em pedagogia do oprimido Freire destaca: “El educador que aliena la ignorância, se mantiene em posiciones fijas, invariables. Será siempre el que sabe, em tanto los educandos serán siempre los que no saben. Há rigidez de estas posiciones niega a la educacion y al conocimiento como procesos de busqueda”(Pedagogia del Oprimido, Paulo Freire, pág. 77).

Pensando nesta perspectiva a educação é um movimento de busca do reconhecimento fortalecimento, visibilização e ampliação das potencialidades de superação das opressões ou da efetivação de liberdades, sejam elas individuais e ou coletivas.

Neste sentido é necessário tomar as africanidades(e suas legislações e conhecimentos específicos) em sua individualidade e ao mesmo tempo na sua universalidade tomando as tensões deste processo, para que a opressão questionada no aspecto das questões da branquitude, não seja reproduzidas no que tange as especificidades da negritude e suas africanidades. Pois a opressão definida e vivencada pela branquitude pode gerar liberdades para a branquitude em detrimento das liberdades da negritude, conforme estudos já sistematizados e vivenciados neste processo.

Para exemplificar podemos citar a efetivação da imprensa. È possível perceber que a imprensa produzida para o publico branco, ainda que possa

gerar de alguma maneira opressões, é notório a invisibilidade das temáticas das africanidades e suas representatividade nestas mídias.

Sendo perceptível a inexistência do debate da problematização por parte da branquitude, no que tange a questões de negritude nestas publicação. Já sabidas que são majoritariamente de propriedades da branquitude e que são utilizadas na educação tanto para problematizar as opressões pela branquitude vivenciada como para fortalecer o processo de rupturas com a opressão.

Haveremos de nos conhecer mutuamente, entender as marcas deste processo, fundamentado no processo de escravização dos africanos e afro-brasileiros e indígenas, evidenciando o quanto o silenciamento, a folclorização e os estereótipos ainda produzem e reproduzem as opressões.

Tomar a literatura negra e a sistematização de conhecimentos por ela produzidas, como processo original de um caminho possível para esta liberdade a ser constuída ou sobretudo vivenciada.

Nesta busca a minha pesquisa-trabalho-busca, dialoga com o trabalho de Paulo Freire e Augusto Boal no sentido de apontar lacunas da percepção da branquitude sobre as especificidades da negritude, além de buscar apontar aspectos que se reproduz de forma opressora sobre os processos de liberdades de negritude e as construções das liberdades negras, fortalecendo os processo de libertação humana e universal.

Neste sentido as africanidades, conceito aqui utilizado como, os conhecimentos universais e específicos que fazem do conhecimento africano e afro brasileiro, parte do processo de enfrentamento das opressões em suas múltiplas perspectivas vislumbra a partir da negritude e da África como berço da humanidade, parte constitutiva do processo de compreensão da opressão e seus desdobramento, assumo a LIBERDADE como utopia para uma vida igualitária e fraterna entre e com as pessoas.

Assim finalizo este texto parafraseando Fernando Pessoa, viver já não é preciso, africanizar é preciso.

Ao finalizar o texto, percebi que há na atualidade uma necessidade de lançar perguntas, fazer-se pergunta e mobilizar a comunidade acadêmica e educacional no sentido de propor resposta para as questões de africanidades no que se refere a opressão e suas formas de libertação.

Nesta toada a proposição para a Universidade e para a educação caminha no sentido de buscar a resposta para as indagações que esta temática impõe para estes lugares e atores. Nesta seara há que pensar a e fazer a partir de referenciais outros, assim destaco três referências que tem me acompanhado: Professor Henrique Cunha Junior, em especial o Texto Para o Movimento Negro, Stive Biko propositor da Consciência Negra, afirmando que a arma mais poderosa na mão do opressor e a mente do oprimido, Lelia Gonzalez, para que compreendamos e compactuemos com as

especificidades das questões da mulher negra, além da coleção da História Geral da África, subsídio indispensável para conhecer a potencialidade da vastíssima obra da cultura e povos africanos e as produções e práticas de liberdade produzidas pelo Movimento Negro Mundial e Brasileiro.

2ª PARTE

DIÁLOGOS E ESCRITOS: EM SALA DE AULA

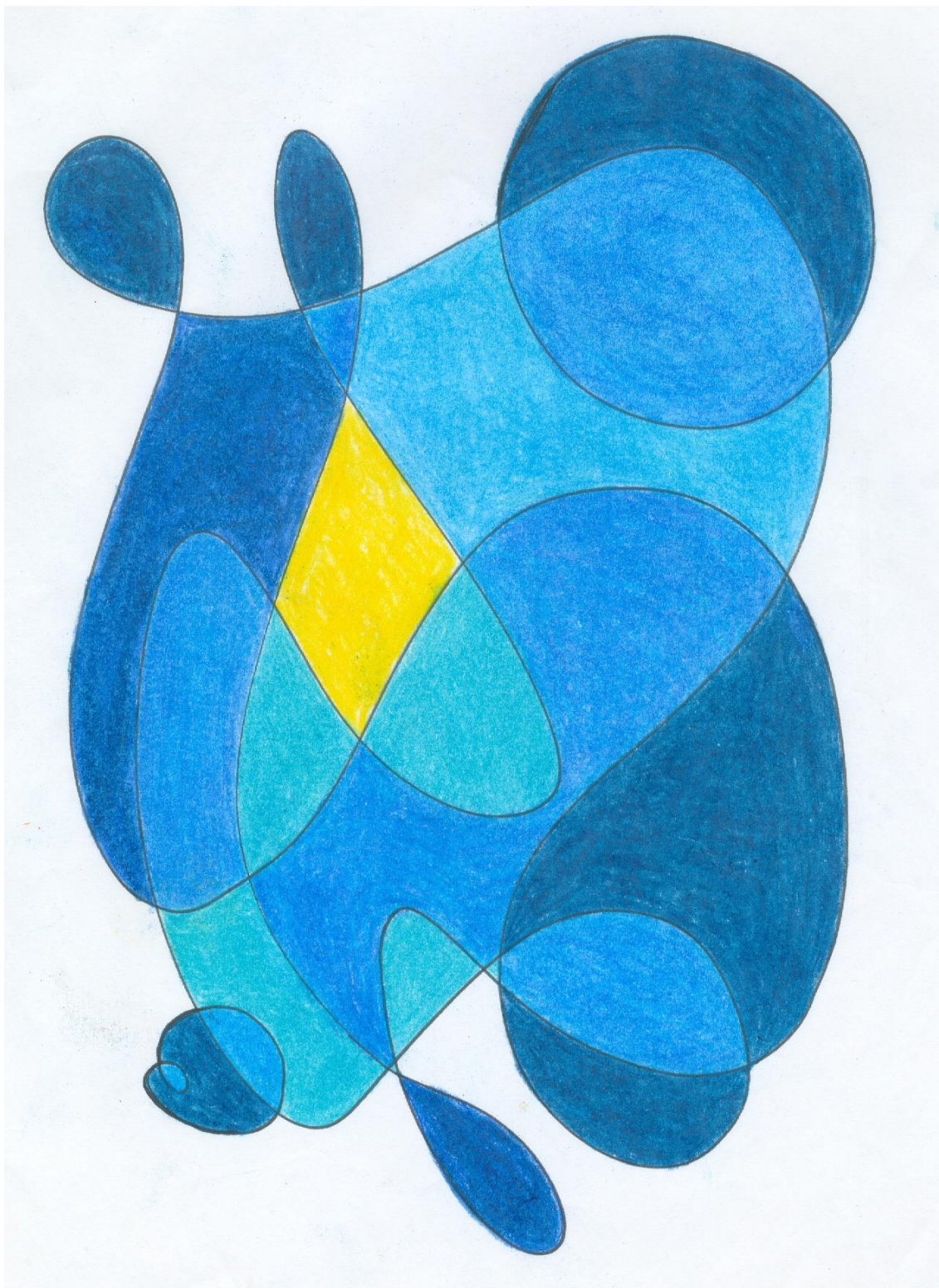


Figura 2 – Ilustração livre em lápis e papel, cedida aos organizadores do material.
Fonte e autoria: Max Mesquita.

1 – REFLEXÕES SOBRE A EJA

Marli Ancassuerd e Max Mesquita

“Melhor que competir é compartilhar!”

Carlos Rodrigues Brandão

APRESENTAÇÃO:

- Reflexões sobre a EJA,
- Professores Responsáveis: Dra. Marli P. Ancassuerd e Msc. Max Mesquita (pesquisadores Integrantes do GEPEJA-FE/UNICAMP)
- As nossas intenções:
- Provocar, por meio das variadas formas de expressão, os diferentes olhares sobre a EJA, compartilhando ideias e vivências.
- Estimular, por meio do jogo cooperativo, a emergência da solidariedade e a sociabilização dos repertórios individuais sobre a EJA.
- Incluir no mundo da EJA aqueles sujeitos do grupo que afirmam: -- EU nada sei sobre isso!
- Convocar o experiente no mundo da EJA para ouvir, compartilhar, enfim, crescer e aprender com o outro.
- Alavancar o diálogo sobre a natureza política da Educação.
- Aprender a olhar os Jovens e Adultos da EJA para além da categoria “aluno”.

Referências utilizadas:

BRANDÃO, Carlos R. O jogo das Palavras – Semente e outros jogos para jogar com palavras. São Paulo: Cortez, 2015.

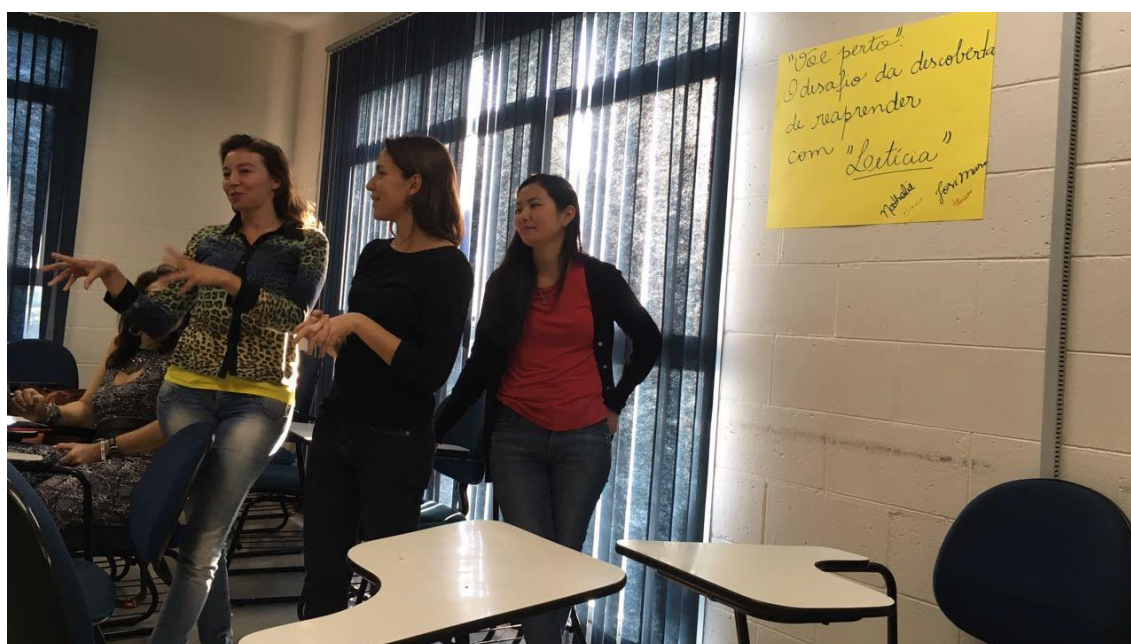
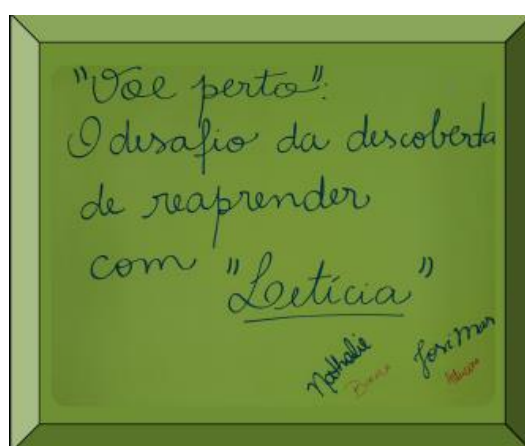
FÁVERO, O. e FREITAS, M. A educação de jovens e adultos: um olhar sobre o passado e o presente. *Revista Inter Ação*, v. 36, n. 2, p. 365-392, dez. 2011.

EJA - Educação de Jovens e Adultos, Turma A, UFMG-FAE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j1vJQoHnxvc>. Acesso em 18 de maio de 2017.

GRUPO LETÍCIA

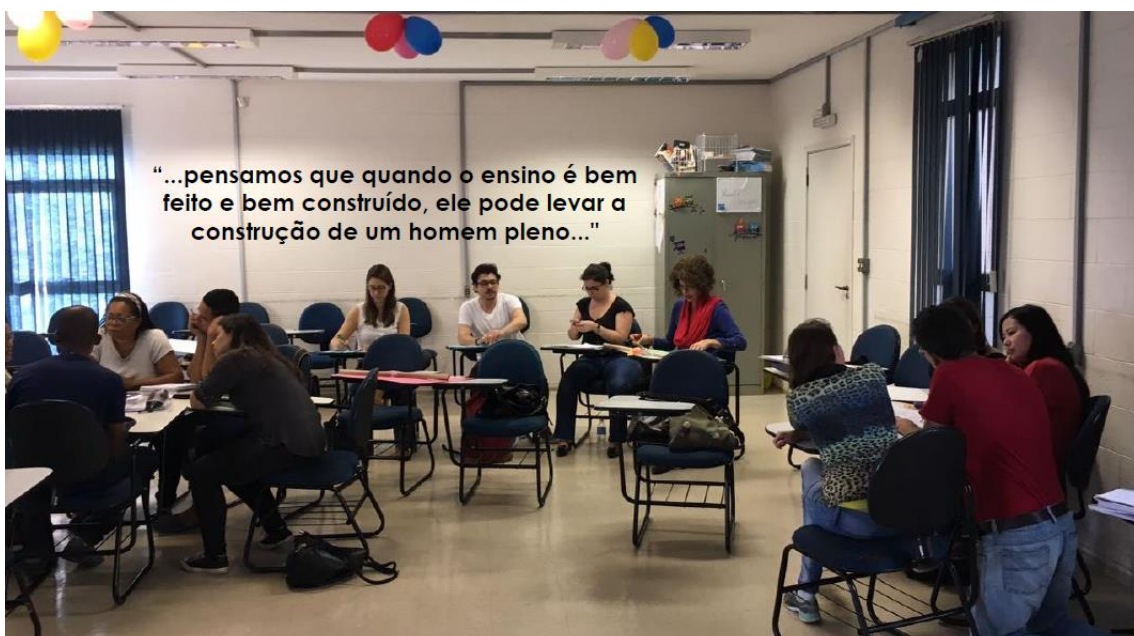
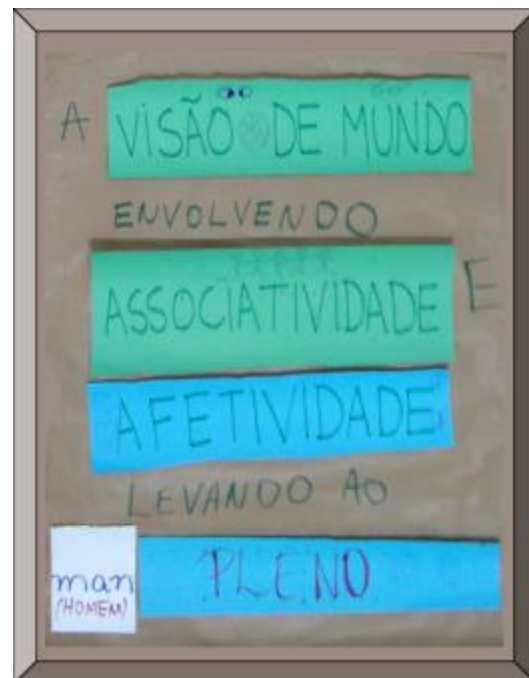
Integrantes:

"... para nós o importante foi entender que a filosofia é um conceito de vida, todos nós temos uma filosofia. Pensamos também que como eram duas palavras separadas, poderíamos juntar para dar algum sentido! Ai pensamos no professor que está sempre ao redor do aluno, construindo esse mundo..."



GRUPO PLENO

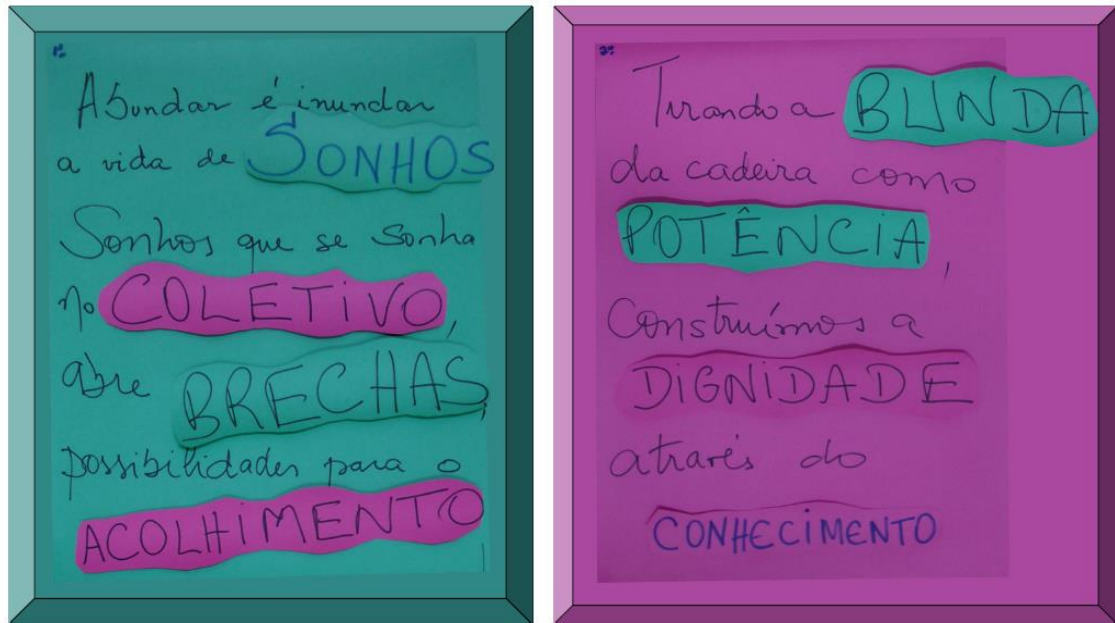
Integrantes:



GRUPO ABUNDANTE

Integrantes:

Miranda, Marisa, Teca e Wilson

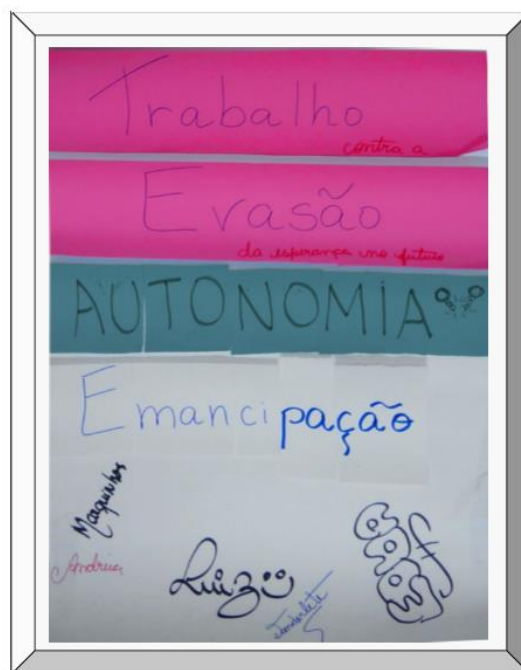
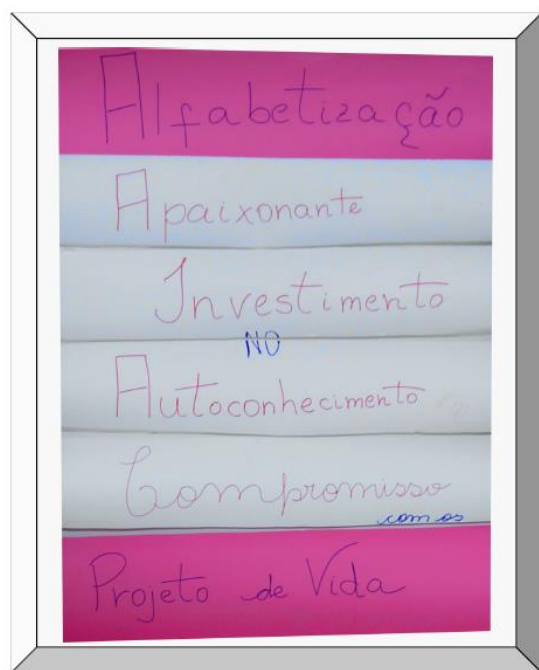


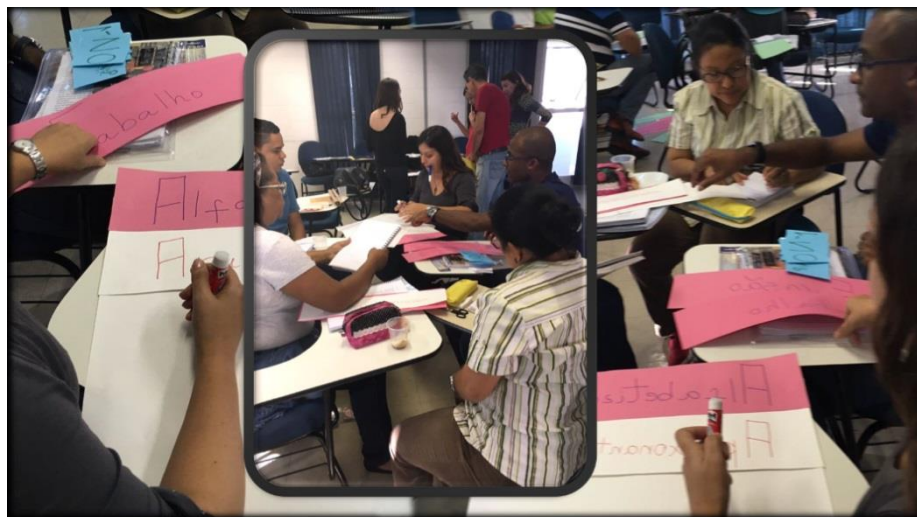
"Como o pessoal propôs desde o começo que a gente pudesse se permitir, e eu me atrevo a escrever poesia, então está assim:
Se os sonhos abrirem brechas,
e um coletivo te abundar,
a potência da dignidade e o conhecimento acontecerá."



GRUPO EMANCIPAÇÃO

Integrantes:





OLHARES SOBRE AS ATIVIDADES:

“Seriam muitos adjetivos para representar a construção para representar a construção e convivência através dessa disciplina, mas algo imprescindível é a extensão da gratidão a todos os professores e alunos que possibilitaram essa troca, socialização e o desejo de continuar construindo uma educação mais solidária e fraternal”.

Marcos Rogério Soares.

“Na educação você encontra caminhos.”

Edna Caminho.

“A disciplina e o grupo de estudo reafirma, a necessidade e importância de ser diferente, em múltiplas perspectivas na academia, na escola e na vida. Tudo em estado latente de reinvenção”.

Wilson Queiroz

“Quando teoria e prática inovadora, educando e educadores vivenciam uma práxis transformadora”

Daniela D. Gazoli

“As palavras sentidas de cada um no coletivo de cada um no vivido de todos nós”.

Teca Minuzzo

“ Momentos de reflexão, aprendizado e cooperação. Um trabalho em grupos com risadas, lápis, papel e criação. Nosso encontro teve música e emoção!!!”

Luiz Mendes

“Na Universidade: escrever, cantar, trabalhar, o coletivo e a amorosidade. Viver Paulo Freire: autenticidade e esperança”

Andreia Corrêa

“A atividade proposta foi literalmente a palavra semente e a semente palavra que geminou em minha alma de professora e me fez sentir uma árvore, com os galhos recobertos por folhas, flores e frutos!!!”

Nima I. Spigolon

2 – PAULO FREIRE E A PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Jason F. Mafra⁴

A pós-graduação profissional em educação⁵ emerge juntamente com um importante conjunto de questões e questionamentos dos últimos tempos, constituindo-se num debate que é, simultaneamente, científico e político.

Trata-se de introduzir uma outra modalidade de formação na pós-graduação que seja, a exemplo de outras, de rigorosa qualidade acadêmica. Afirma-se, aí, que ela deverá alcançar excelente nível de discussões e estudos em que se postula uma importante questão de fundo: o que é ciência de boa qualidade? Tal postura implica em outra: ciência boa está a serviço de quem?.

Qualquer consideração no que tange ao campo da pós-graduação profissional em educação não pode deixar de compreender a ciência como formação humana e a serviço de profissionais envolvidos nos diferentes processos da escola. Isso significa vincular a formação científica a temas e problemas, priorizando alguns eixos, dentre os quais, àqueles relacionados às práticas de aprendizagem e ensino e às práticas de gestão. Sem considerar essas dimensões (pedagógica e administrativa), torna-se impossível pensar o exercício democrático da organização da escola.

Ambas, práticas pedagógicas e práticas de gestão, demandam uma determinada compreensão de pesquisa em que reflexão e intervenção estão imbricadas, constituindo-se, duas dimensões da mesma realidade do universo escolar.

Considerando que o campo de estudo da educação abarca uma infinidade de temas e objetos em diferentes níveis de ensino, não podendo atender a tudo, a pós-graduação profissional deve prioritariamente atender interesses e demandas específicas da Educação. Neste caso, as da Educação Básica, especialmente àquela oferecida pelas redes públicas de ensino.

Essa opção por atender a esse nível de ensino deve-se também ao fato de que, embora tenha sido objeto frequente de estudos acadêmicos dos programas tradicionais de pós-graduação no Brasil, a Educação Básica ainda carece intensamente de subsídios práticos cientificamente fundamentados. É senso comum no meio acadêmico o fato de que há um imenso abismo entre os resultados das pesquisas de pós-graduação e a

⁴ Graduado em História. Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNINOVE) e Diretor do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) na mesma universidade.

⁵ Para maiores informações acesse Revista Dialogia 21, jan. junho, 2015. In: UNINOVE

apropriação desses resultados pelos profissionais da área em suas práticas escolares. Em outras palavras, as dissertações e teses raramente chegam ao conhecimento de professores de diretores das escolas básicas de nosso país.

Não se trata de dicotomizar a relação entre os tradicionais programas de pós-graduação e os programas profissionais que vão se consolidando recentemente no campo acadêmico. Ao contrário, ao reconhecer a imensa contribuição dos cursos de mestrados e doutorados acadêmicos, no âmbito das análises críticas dos múltiplos objetos da educação, por meio da pesquisa teórica, descortina-se um novo compromisso com a estruturação dos programas profissionais, a pesquisa aplicada, responsabilidade até então não atribuída à pós-graduação brasileira. Nesse sentido, também, pode-se afirmar que a pós-graduação profissional veio ampliar a própria atuação no campo da pesquisa sobre diferentes objetos, problemas e encaminhamentos da educação.

Com esse compromisso, ao mesmo tempo técnico e político, tal ampliação viabiliza-se, especialmente por meio da pesquisa-intervenção. Significa dizer que um projeto de pesquisa na pós-graduação profissional requer necessariamente uma dimensão de aplicabilidade, com vistas a solucionar um ou mais problemas no mundo prático da educação.

Para tanto, embora diferentes metodologias de investigação possam ser utilizadas, destaca-se uma bastante conhecida na tradição intelectual, a pesquisa participante. Num contexto latino-americano mais amplo, essa abordagem bastante consagrada nas ciências sociais é também conhecida como “investigación participativa”.

Ao pensar o a pesquisa como uma ferramenta necessária à reflexão educacional voltada para a construção de uma escola democrática e socialmente de qualidade, não se pode abrir mão dos fundamentos propostos por grandes intelectuais da educação libertadora, dentre os quais, Paulo Freire. Dentre outros fundamentos freirianos, vale destacar aqui dois: a noção de prática e a politicidade da educação.

Embora cada um desses conceitos contenha definições próprias, na proposta de Freire, eles estão sempre vinculados e, em grande medida, trazem relevantes subsídios à construção dos fundamentos e do sentido da pós-graduação profissional.

Todas as pessoas que conhecem minimamente as obras de Paulo Freire sabem que esse pensador elegeu o mundo da prática como objeto central de suas reflexões. Mas, em se tratando de Freire, cuja ontologia (entendida como ontologia do ser social) reivindica permanentemente uma aproximação entre teoria e prática como pressuposto de coerência, compreender a proposta desse pensador-educador significa examinar também a sua práxis. Por isso, o sentido de prática em Freire não deve ser encontrado apenas em suas obras escritas, mas em sua dialética reflexão-

intervenção. Em outras palavras, Freire foi um pensador da realidade e na realidade, porque sua teoria esteve o tempo todo em confronto com o seu mundo da vida.

Para Freire, a prática é um campo especial porque comporta uma dupla legitimidade: gnosiológica e política.

A primeira diz respeito ao fato de que não é a teoria que deve ser tomada como ponto de partida, mas a realidade social concreta. O mundo da vida, ou seja, a prática, é o lócus em que toda verdade se manifesta e pode ser testada, seja como problema, seja como solução. Assim, não se é possível eleger os problemas da educação, quaisquer que sejam, a partir de uma concepção diagnóstica a priori, já que a educação, por ser um fenômeno cultural, é realidade e não idealização. Da mesma forma, não se pode apresentar uma proposta de ação se esta não estiver diagnosticada a partir dos dados da prática. A leitura do mundo precede necessariamente a leitura da palavra; eis o materialismo histórico de Paulo Freire.

A segunda legitimidade da prática, a legitimidade política, refere-se ao destinatário da teoria. Para Freire, não se pensa a prática por mera especulação ou contemplação, mas por um compromisso social, portanto, político. Nesse sentido, uma pesquisa em educação tem a responsabilidade de refletir sobre a realidade para encontrar alternativas e soluções aos problemas que a mesma realidade apresenta. Conclui-se, portanto, que, na perspectiva freiriana, a pesquisadora e o pesquisador vão à prática para compreendê-la e, a partir de uma requalificação teórica, a ela retornam, para transformá-la.

Por fim, há que se considerar que o foco no mundo da prática, ou como quisermos o mundo do trabalho, objeto da pós-graduação profissional, não pode ser confundido com conversão ao pragmatismo. Paulo Freire, assim como inúmeros pensadores, sempre destacou o caráter falsificador e cruel do pragmatismo que, no afã de “mostrar resultados”, coloca sempre os fins como determinantes sobre os meios, abortando o que é mais relevante em todo o processo educacional e cultural: a dimensão ético-política. É por isso que, antes de tudo, suas perguntas apresentadas ainda na década de 1970, como pressupostos para uma educação libertadora continuam fundamentalmente atuais: “a favor de quem e do quê, portanto, contra quem e contra o quê, educamos”. Se respondermos com responsabilidade e criatividade a essas questões, então, não devemos temer a expressão “profissional”, nem o diálogo crítico necessário com o “acadêmico”, esse espaço historicamente tão fundamental para a configuração de uma outra educação brasileira possível, socialmente justa e qualitativamente melhor.

3 – RESIGNIFICAR

*Alexandre Romeiro*⁶

Ao ser convidado pelo Prof. Adriano para compor um grupo de estudo em Poços de Caldas não hesitei em aceitar imediatamente, as vivências Freirianas oferecidas por ele são recheadas de encontros, conhecimentos e trocas que se mesclam, transformando nossos saberes inconclusos, nos resignificando como sujeitos pertencentes ao mundo. Freire nos mostra que “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”. (FREIRE, 1996, p. 50).

Na tarde do segundo dia de nossa chegada, compartilhei uma experiência pessoal conduzindo uma vivência corporal no cenário mais bonito que já presenciei: as montanhas ensolaradas de Pocinhos do Rio Verde, a dinâmica tinha o objetivo da percepção corporal dos participantes.

Iniciei a vivência explicando a técnica que consiste na percepção do caminho interno do movimento, imaginando onde ele nasce e como é projetado para outra extremidade do corpo, sempre com o pensamento de “movimento, imagem e ação”. Após um relaxamento no qual solicitei para fecharem os olhos e respirarem profundamente percebendo como seus corpos ocupavam o espaço, pedi para começarem a sentir seu movimento interno. Após esta percepção, pedi para sentirem a imagem que o movimento proporcionava desenvolvendo a ação que essa imagem trazia. Após estabelecer a ação, voltava-se para o movimento e assim sucessivamente.

Com a vivência oferecida aos participantes, tive a oportunidade de oferecer o entendimento do mecanismo corporal e da expressão de seus corpos possibilitando o autoconhecimento e de se tornarem protagonistas de suas ações corporais, para Boal (2009, p.86):

Nenhuma oficina, encontro, ensaio ou qualquer atividade do Teatro do Oprimido, deve terminar quando acaba: pelo contrário, deve projetar-se no futuro e produzir consequências individuais e sociais, por menores que sejam, reais. Todo e qualquer evento do Teatro do Oprimido deve objetivar as ações sociais concretas e continuadas.

Entendo que a sociedade atual oprime nosso corpo e com a conscientização corporal como instrumento libertador de nossa expressão

⁶ Alexandre Romeiro é Mestre em Educação (Uninove), possui MBA de Gestão Estratégica do Terceiro Setor (FMU), graduado em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas (FAMOSP). É Arte educador, Ator, Palhaço, roteirista e diretor de atores no canal: “Espirituosos”. Professor convidado da Uninove e da Faq, professor de artes no Instituto Seli, Colégio Lubavitch e no Colégio de Santa Inês onde também é professor de teatro.

possibilitamos uma transformação de posturas e olhares, indo ao encontro com os pensamentos de Freire e Boal que convergem para a transformação do indivíduo em sujeito que constrói e transforma sua realidade, ou ainda nas palavras de nossa professora Nima Spigolon, que “resignifica” o nosso estar no mundo como seres pensantes e transformadores de nossas realidades.

Bibliografia:

Boal, Augusto. **A estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamound, 2009.
Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

3ª PARTE

DIÁLOGOS E ESCRITOS: AUTORES E PESQUISADORES

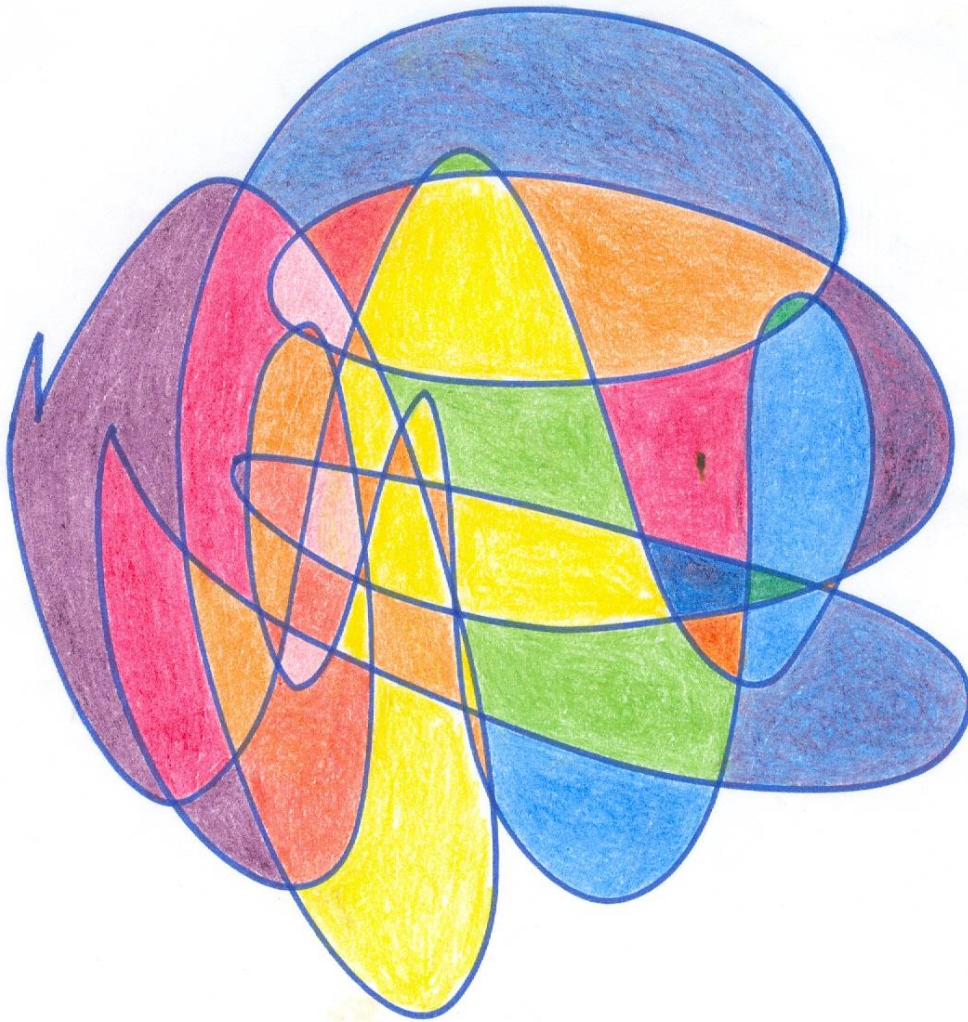


Figura 3 – Ilustração livre em lápis e papel, cedida aos organizadores do material.
Fonte e autoria: Max Mesquita.

1 – PELOS VENTOS QUE SOPRAM NA AMÉRICA LATINA

*Débora Mazza*⁷

Carlos querido

Professor de sala de aula na Unicamp
Mas também de andanças
Nos caminhos rurais de Catuçaba
Na festa dos mortos
Manifestação bonita de respeito aos ancestrais
que nos antecederam.
Muita reza, procissão, comida, bebida, cantoria e colorido
Sepulcros caiados e almas lavadas.
A vida é liberta para seguir o seu fluxo.

Amigo confiante de Pocinhos do Rio Verde.
Que me dispôs a chave da casa de no. 6
Para me aquietar e conseguir escrever
o texto de qualificação de mestrado
Entre montanhas, cachoeiras, pessoas e bichos
Natureza e cultura- diria Paulo Freire.
Encontro guarida nos pensamentos, nas palavras
E na coragem de descrever a vida de mulheres
Faveladas, empregadas domésticas
Migrantes andantes
Da periferia de Campinas.

Parceiro de cantorias nas Serras de Itajuba
Em companhia de Ivan, Priscila, Adriano e Eneida
Não a Eneida de Virgílio
Mas a Eneida do Rubens.
Andamos nas encostas da Mantiqueira
Sondando os caminhos de Mario de Andrade
Nas pesquisas sobre as manifestações folclóricas brasileiras
De Euclides da Cunha nos sertões

⁷ Diretora Associada da FE/UNICAMP e docente do Departamento de Ciências Sociais na Educação. Participa do Programa de Pós Graduação em Educação, da Linha Educação e Ciências Sociais e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas e Educacionais (GPPE). Tem experiência na área de Sociologia e Educação, atuando principalmente nos temas de: Educação e Escolarização, Pensamento social brasileiro, Florestan Fernandes, Circulação de pessoas, saberes e práticas e Políticas Públicas e Educação. E-mail: dmazza@unicamp.br

Perscrutando a vida do sertanejo:
Os homens e as mulheres comuns
Que se mesclaram às muitas formas de vida
Que habitam este país tropical e bonito por natureza.

Carlos querido
Bom receber suas palavras trazidas pelos ventos que sopram na América Latina. E que mobilizam um repertório de muitos povos indígenas, negros e brancos.

Abraços poéticos antropológicos e sociológicos. Com carinho e gratidão.

2 – ENCONTROS E CAMINHADAS COM PAULO FREIRE E OS OPRIMIDOS

Daniela Gobbo Donadon Gazoli

Diziam para ela ser engenheira ou doutora.
Mas ela queria ser professora.
Diziam para ela que para a transformação social, a escola em nada colaborou,
Mas ela encontrou Paulo Freire e, para ela, tudo mudou.

Ele falava em Pedagogia do Oprimido e transformação.
Ela conhecia e reconhecia os oprimidos, e com eles caminhava.
Ele explicava sobre seu projeto de conscientização.
Ela lia, relia, compreendia, se identificava e se encantava.

O mundo mudava. Governos e discursos de esperança caíam.
Intolerância, discursos de ódio e opressão se erguíam.
Ela lia ele, lia sobre o que fizeram com ele por querer um mundo melhor.
Pensava no poder de sua mensagem de esperança e amor.

Todo dia, conversava com os educandos da EJA. Ouvia seus relatos significativos.
Ela, com eles, via e vivia as desigualdades e dores do mundo e se sentia impotente.
Encontrava parcerias, não mais estava sozinha, e entendia, finalmente
Que a libertação e a transformação pela educação é um esforço dos coletivos.

E, com outros que conhecem Paulo Freire e suas lutas,

Ela segue, aprendendo que a esperança é maior que a opressão.
Que os oprimidos se educam em comunhão.
E, conscientizados, não mais serão calados. Novas lutas!

E como colocar em palavras, tantos sentidos e significados?
E como entender tudo que os oprimidos vivem, sentem, são?
A vida, passageira e fugaz, perde sua falta de sentidos,
Quando, nos coletivos, Paulo Freire ensina ela, educadores e educandos, com os oprimidos.

3 – RECEITA PARA DES-OPRIMIR DENTRO DE UM PROCESSO EDUCATIVO EMANCIPATÓRIO

Juliana Tristão Pasquini

1 xícara de visão crítica de mundo
1 porção de autonomia
1 colher de liberdade
1 pitada de sujeito agente

Modo de preparo:

A partir das misturas e combinações propostas por Freire e Boal, em Pedagogia do Oprimido e Teatro do Oprimido, respectivamente, coloque em um recipiente formal ou não (podendo ser uma sala de aula) a visão crítica de mundo, juntamente com a autonomia e a liberdade. Permita que os sujeitos agentes construam suas leituras de mundo a partir da mistura desses ingredientes para então produzirem suas aprendizagens e conhecimentos significativos, alcançando assim, a emancipação.

OBS: as quantidades dos ingredientes são sugestões, use as proporções necessárias em cada contexto.

4 – AS VELHAS GUERREIRAS – UMA DELAS PARTIU HOJE: TIA LORA

Nelton Miranda

Quando vim ao mundo fui acolhido por muitas mulheres: Hildas, Marias, Sineis, Carmelitas, Lourdes, Altinas, Davinas, Duvirgens, Diolizas, Rosas, Genis, Belas, Loras e outras tantas divinas mulheres.

Logo que tomei consciência do que eu era pelas histórias que me cercavam, contadas por essas mulheres, da ínfima pobreza que me fazia simples e livre e que em suas mãos eram as melhores riquezas, que se transformavam em vida abundante, fui percebendo e tomando sentido de que essas mulheres, eram mais do que mães, avós, tias.

Elas eram GUERREIRAS!

Mulheres tecidas na luta do cotidiano, da rotina, do tempo simples e urgente. Mulheres, algumas, iletradas, educadas na escola do Mobral ou nas escolas de mentirinha que os mais novos inventavam para ensiná-las.

Outras mulheres trilharam o caminho da escola formal, algumas foram mais escolarizadas, outras menos. Mas em todas havia um eterno brilho da leveza e da ternura que transpassa o sorriso e o olhar firme dessas donas. Jamais vou esquecer, enquanto viver, o som das suas vozes e o sorriso meigo saído das suas bocas.

Essas donas possuem o brilho das GUERREIRAS!

Essas mulheres foram calejadas nas mãos e nas almas, enfrentaram terras distantes e lugares humilhantes em busca de felicidade. Mas não houve dia que não saísse dos seus lábios uma palavra de esperança e de conforto.

Essas mulheres amadas ou mal amadas, mas com as almas plena e engrandecida pelo amor, quase visceral, amor que vem de dentro, do coração caipira, da alma vestida de candura. Essas mulheres eram guerreiras e ainda o são.

Quando tudo parecia estar desmoronando, lá estavam elas, feitas alicerce: firmes e rígidas.

Doces ou amargas! Felizes ou tristes! Decididas ou humilhadas! Vivas ou mortas! Elas serão sempre GUERREIRAS!

E tinha biscoito de polvilho, sopa de mandioca, pão caseiro saindo do forno, brevidade, pirão de frango, pirão de ovo, charuto de repolho. Eram armas poderosas criadas por essas senhoras, cozinheiras da vida.

Muitas dessas mulheres, pequenas, singelas, empobrecidas de dinheiro, já partiram! Foram desfrutar do merecido prêmio daquelas que, por uma vida inteira, combateram o bom combate.

Hoje, querida e amada **Tia Lora**, chegou a dia da sua ida para o lugar merecido dessas mulheres guerreiras.

Que sua passagem, **Tia Lora**, seja regada dos sabores da vitória, dos festejos de quem viveu uma vida inteira para os seus.

Lembrarei e amarei por todos os dias que me restam, do seu rosto amoroso e espelho de bravura.

Muitas felicidades na sua passagem! Nossos corações e nossos lábios estarão em oração, para que esse momento seja luminoso.

Até um dia desses! Esteja com Deus!

5 – TEIA BRILHANTE – PULSANTE

Teca Minuzzo

Seres caminhando por entre as trilhas da existência
Piscam como vagalumes
Deixam rastros luminosos
Os rastros cruzam outros rastros
Formando uma teia... rede
Estes seres por alguma motivação,
Intuição, desejo, sonho, saberes, sabores
Convergem-se para um ponto

Instante do encontro
Permanecem o tempo suficiente
Neste tempo se movimentam
Ora com o pensamento, ora com sons e palavras,
Ora com o corpo,
Ora com expressões inteligíveis
Ora com sensações e emoções
Movimentam-se nesse lugar

Onde passa por ali
Mais saberes e sabores
Saberes de outros lugares,
De outros tempos,
De outros sabores
De outros saberes
Sabores de lugares,
Sabores de saberes,
Sabores de tempos
Sabores das memórias
Saberes que nos contam e encantam
Sobre sabores da humanidade

As humanidades
Em tempo de desumanidades
Vislumbrando com os sonhos e possibilidades
Quase inacreditável
Ainda concretizam sonhos e

Realizam a humanidade

Olhar de soslaio para o passado e o futuro
Saboreando o doce e o amargo do presente
Cada um colocando seus saberes com sabor
E ora com desabores
E seus sabores do saber

Esta convivência
Neste instante
Fez-nos cumixamentos para novos movimentos
Perturbou-nos para um novo crescimento
Traçando as trilhas ao caminhar
Com novos saberes e sabores
Formando novas redes
Novas teias
Entrepassando por outras pequenas redes
Formando a grande teia da humanidade

Agora tudo e todos
Piscam e brilham com maior intensidade e cores
Propagando-se por entre a teia
Este instante entre um piscar e outro
Brilhar apagar e brilhar
É o fôlego
O ar que aspiramos para continuar a brilhar
Os fôlegos são os pulsares para novos encontros nesse caminhar
15 a 17 de junho, 2017 - CASA DE ACOLHIDA “ROSA DOS VENTOS”, Pocinhos do Rio Verde/MG.

6 – MULHERES-IPÊS

Vanderlete Pereira da Silva

Escrevi esse texto lembrando de um pequeno recorte de revista ou jornal que li em 2011 e que ficou na memória. O recorte tinha poucas linhas, mencionando o fato que repercutiu na mídia por que algumas pessoas protestaram contra o corte da árvore para troca do poste. Lembrei dele por ocasião dos Ipês plantados recentemente na FE e relacionei com o artigo que acabo de escrever sobre as mulheres amazonenses e o seu “descaso” com a

falta de creches em Manaus. contei para a Nima (Spigolon) e a Daniela (Donadon) no dia do plantio dos Ipês e resolvi escrevê-la, do meu jeito e compartilhar com todo esse povo querido.

Mulheres-Ipês

Li, certa vez, num fragmento de revista ou jornal, já não lembro bem onde, a história de um pê de Ipê, que arrancado de suas raízes e transformado em mercadoria, servia de poste de luz numa cidade (Fiquei pensando na ousadia da comercialização: quanto vale um pé de Ipê?). Os anos passaram e aquele que foi um dia uma bela e imponente árvore, permanecia ali, inerte, paralisado e aparentemente sem vida. Um dia, o poste, em sua essência, um Ipê, começou a dar sinal de vida. A vida, olhada na superficialidade de um corpo abalado em sua estrutura, pela intervenção soberana de quem, no momento, detém o poder e toda a força que dele emana, parecia absolutamente dominada. Enquanto todos, mesmos os mais incrédulos, acreditavam que o Ipê havia sucumbido, que a morte havia triunfado sobre a vida, ele se refazia, para voltar mais poderoso que nunca, com toda a vitalidade e determinação imposto pela vida que pulsa. Ele ficara ali, por fora morte, poste de iluminação pública. Por dentro, bem lá no fundo, luta contínua pela vida, refazendo-se a cada dia, pacientemente, pura fortaleza...

Ele sabia que era hora de recolhimento e o fez, resguardando-se na sabedoria de tantas primaveras vividas, que inevitavelmente, a despeito dos querereres, virá, impositivamente.

Ele ficara ali, não que se sentisse diminuído pela sua condição naquele momento, pois ser poste de luz, ser luz na escuridão não é pouca coisa nesse mundo. Mas, convenhamos, para quem fora um Ipê, qualquer outra atribuição parecia pequena, diante da grandiosidade de ser ipê. Não tem jeito, ser grande é da natureza dos ipês. Só nascendo ipê para compreender isso.

Quando as pessoas envoltas se deram conta da vida que ali pulsava, chamaram o pessoal da companhia elétrica para resolver a questão, afinal, algumas vidas, é sempre incômodo para outras, que já sem vida, investem seu tempo para extinguir outras. Mas, cercado pelo olhar de tantos que, compreendendo as conexões das vidas, em todas as suas formas de expressão, em toda sua inteireza e completude enquanto universo, disseram não a morte, optando pela permanência do ipê que ameaçava ser cortado e substituído, agora por um “poste de verdade”. E eu me fiz, profundamente solidária a ele, naquele momento de retorno a vida, com toda a intensidade da minha alma, desejei dar-lhes as boas vindas.

Hoje ele está lá, segue em frente seu destino Ipê, como símbolo de resistência e subversão e eu posso vê-lo florido, transgressoramente, na minha imaginação de menina.

Por ora, prefiro pensar as mulheres amazonenses como o pé de Ipê: aparentemente corpos sem vida. Mas, em estado latente, que em algum momento se insurgirá, com toda a potência guardada... acumulada, para dar vazão a sua essência, de mulher e de vida que pulsa nos corpos outrora, acreditado, dominados.

4ª PARTE

DIÁLOGOS E ESCRITOS: ENTREVISTA COM PAULO FREIRE

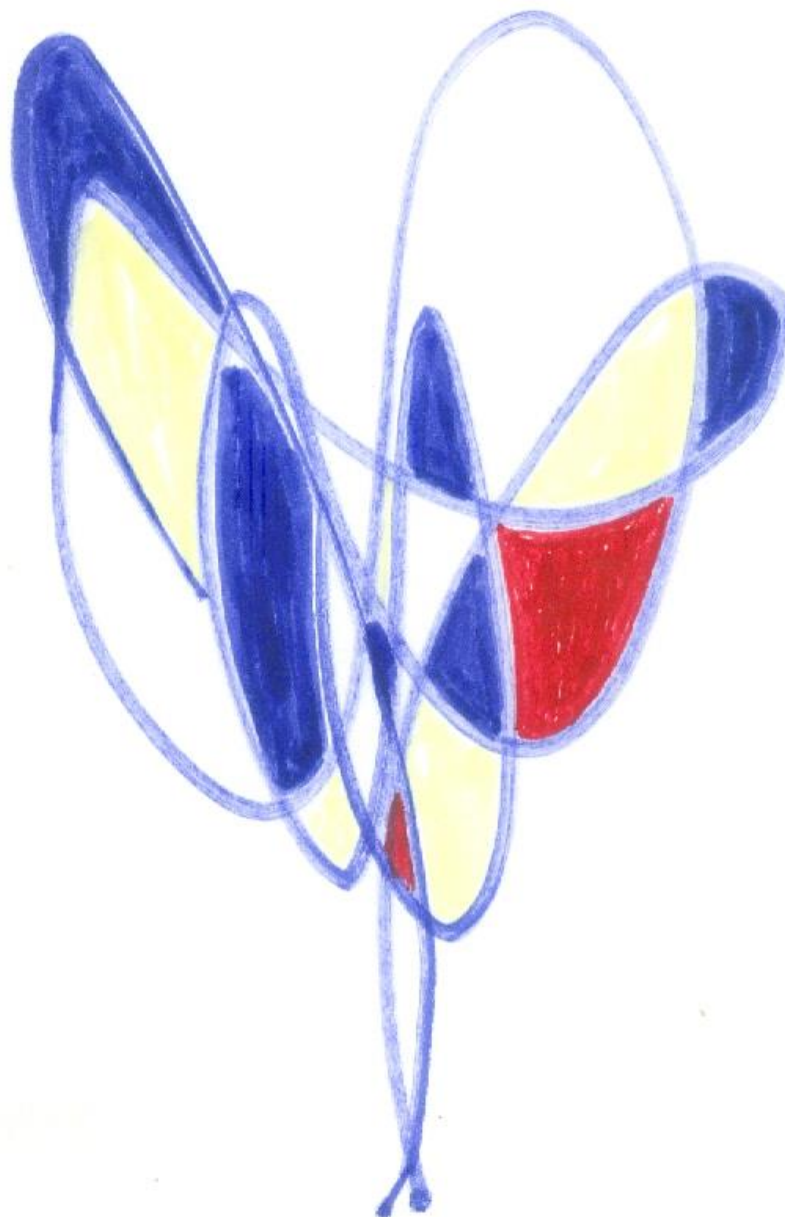


Figura 4 – Ilustração livre em lápis e papel, cedida aos organizadores do material.

Fonte e autoria: Max Mesquita.

1 – PEDAGOGIA DO CORPO: REENCONTRAR O CORPO⁸

Adriano S. Nogueira Taveira, Joana Lopes e Paulo Freire em 1994.

Joana Lopes – Começamos uma reflexão com o professor Paulo Freire colocando-lhe a questão: - qual seria?, e como seria formulada uma contribuição nossa, de educadores do --assim chamado-- terceiro mundo?.

Essa questão se coloca como uma espécie de pauta. Para que?. Para os momentos de diálogos com outros Educadores. Temos convivido com alguns que trabalham no --assim chamado-- primeiro mundo e, como nós, estão buscando uma educação não castradora. Veja, Professor, com eles buscamos pautar avanços no trabalho de Educadores, Cientistas e Artistas.

Paulo Freire – Quando você se refere à contribuição do(a) Educador(a) do terceiro mundo eu gostaria, Joana, de acrescentar algo; onde você diz... Educador do terceiro mundo, eu diria... Educador progressista do terceiro mundo. Por que?. Porque prefiro refletir a contribuição deste educador, que está em busca da qualidade de trabalho educativo, sob um enfoque que eu considero importante; e quando digo 'enfoque' estou referindo-me a posturas e não apenas a alguns itens ou tópicos.

O trabalho de um(a) Educador(a) progressista busca superar certas limitações que são marcantes. São sociais, econômicas e culturais... e são mundiais, estão enraizadas numa certa concepção de progresso e de civilização. A que limitações me refiro?. Refiro-me a um certo pragmatismo que se impôs a todas as dimensões da vida e, no campo de educação, entende que educar prioriza ou se restringe à formação instrumental. Com base nesta concepção muito pragmática a educação tem se limitado a instrumentalizar homens e mulheres para que estes(as) possam adequar-se a necessidades e características do “progresso tecnológico”.

Penso que esta instrumentalização forma seres humanos demasiadamente adaptados e, porque instrumentalizados, são práticos e operativos. Parece-me que este enfoque dá ênfase apenas à influência que os

⁸ Transcrição da Entrevista por Ana Clara Mazza e Taveira. Esta reflexão aconteceu na residência de Paulo, em 1994. O registro integral em vídeo pode ser acessado gratuitamente no [youtube.com/watch?=&acervo.paulofreire.org](https://www.youtube.com/watch?=&acervo.paulofreire.org) no subtítulo: Corpo e Dança dos povos. A entrevista é uma publicação inédita, cujo trecho aqui cedido pelo Professor Adriano Nogueira alimentou um conjunto de discussões, oficinas e outras reflexões “em clima” do *Clube da Rúcula* (conforme item 2 abaixo) e vieram a constituir um pos-doct., apresentado no Centro CIMES-Universitat Degli Studi di Bologna, Itália em 1995, sob tutoria do prof. Hilário Fracalanza –DEME/Fac.Educação, Unicamp e teve como orientador Paulo Freire no Brasil e o tutor na Itália Umberto Eco. As reflexões estão sendo atualmente reconsideradas nas disciplinas Educação, Arte e Movimento, sob coordenação da profa. Helida Lanca Vicente-Pedagogia/Uninove e nas orientações à Profa. Claudia Zagatto Fernandez, mestranda Progepe/Uninove e Docente na rede municipal de São Paulo.

seres humanos sofrem deste modelo tecnológico, capitalista neoliberal. Parece-me que esta concepção de educação capacita adestrando, o que é um empecilho à saúde política de seres humanos.

O que seria superar o pragmatismo instrumental que, segundo me parece, privilegia adestramento?. Uma educação progressista faria outra ênfase. Colocaria mais atenção na capacidade humana de interagir; interagindo o ser humano faz-se capaz, ao construir coletivamente o entorno. Tal educação insiste na abertura para interações na dimensão coletiva com que os humanos constroem mundo. Neste enfoque, que considero progressista, a competência instrumental viria comandada não apenas pela demanda tecnológica mas, principalmente, a competência viria a serviço da necessidade humana de desenvolver-se, transformando-se a si mesmo. Em que direção?. Permanentemente em direção ao ser mais gente. Parece-me que ampliamos, assim, o trabalho educativo que, no fundo, confunde-se com a necessidade humana de humanizar-se. Ao fazê-lo, o ser humano coletivamente constitui mundo.

Adriano Nogueira – Me permite uma provocação, Paulo. Tenho em vista que, através desta reflexão, expõem-se contribuições da educação para o ser humano que virou o século XX. Uma primeira contribuição: a atividade educativa visa não apenas obter um produto final; ou seja, através de processos educativos este ser convive não apenas com conteúdos que garantam um produto final que seria, em tese, o humano capacitado/adaptado. Ao viver processos educativos o ser humano curte sua capacidade de aprendizado; ele curte a si mesmo, no gosto prazeroso de tomar-se a si mesmo nas mãos e, interagindo, constituir/transformar coletivamente um bairro, a cidade, o país.

Estou me referindo à aptidão de seres humanos cuja competência espelha não apenas uma capacidade operativa instrumental, competência de expandir-se “gente feliz”, descobrindo-se subjetivamente e coletivamente. Minha provocação a Paulo Freire contém uma afirmação interna que é a seguinte: - atividades educativas não são, apenas, atividades meio, intencionadas rumo a um produto final desejado; nelas envolvido o ser humano é, ele próprio e a cada momento, o objetivo amplo de todo o processo. Por isso a instrumentalização não pode orientar-se apenas pelas condições tecnológicas. Isso seria limitante para a politização, limitante para o gosto prazeroso com o qual o ser humano se descobre capaz de aprender.

Paulo Freire – Tu avançaste Adriano, rumo àquilo que eu denominava “amplitude de trabalho educativo”. Penso que é insuficiente ao ser humano conhecer tecnicamente bem os conteúdos e as disciplinas do currículo. Por que? Porque conhecer tecnicamente bem é apenas questão de aptidão performática, garante apenas quantidade de conhecimentos. Esta erudição tem sua importância mas o ser humano é mais. Sua capacidade de

cognição é mais ampla. Capaz de conhecer conteúdos da cultura, o ser humano é também capaz de compreender-se a si mesmo como criador dela, cultura, e, constatando isso, ele vive pedagogicamente um gosto prazeroso, como tu disseste.

O século XXI pedirá a nós, Educadores(as), Homens e Mulheres críticos. E nós temos tido um trabalho de criação pedagógica através da qual o ser humano se descobre sendo gente...

Adriano Nogueira – ... Se me permite, Paulo, e porque tua reflexão questiona certas posturas, eu acrescentaria: - o que é limitante no pragmatismo é que ele propõe posturas ou atividades-meio justificadas pela finalidade. Quando este pragmatismo limitante pensa educação ele fixa âncora num certo padrão de progresso e de performance a partir de que a criação pedagógica termina sendo apenas questão de metodologia. E nisso a relação educador-educando acaba sendo apenas questão de estratégia, simplificada demais. E, não sendo considerada postura pró criação de conhecimento mas sim postura pró desempenhos, esta estratégia se restringe a alguns slogans performáticos, de tipo: - qualidade total, otimização, maximização da produção escolar a partir da correlação custo/benefício, avaliação como performance ou cumprimento de metas, conhecimento como simples acesso a uma bagagem historicamente acumulada... e etc. Os slogans variam, de acordo com os governantes ou com a metodologia que está “na moda”.

Paulo Freire – Me parece, Adriano, que esta concepção pragmática de educação trabalha segundo uma idéia de eficácia que correlaciona... (1) aquilo que é exigido do educando como saber “que funciona” e (2) aquilo que este educando deve desenvolver como comportamento resultante da escolarização. Penso que há uma estreiteza aí. Há uma perda.

Joana Lopes – Essa perda, Professor, ocorreria através do “sucesso” da seriação, da repetição e do encadeamento de atividades e raciocínios baseados mais na metodologia do que na criação. Perde-se em criatividade, perde-se àquele “tempo próprio” no qual o Educando desenvolve autonomia relacional.

No campo das Artes estas reflexões são muito importantes. O que seria muito próprio delas?, A criação, a expressão da subjetividade trabalhada, a auto expressão; tudo isso não pode ser colocado ou obtido como apenas um conjunto de procedimentos técnicos. Ou, como dizia o Adriano, não se pode resumir interações educativas a estratégias didáticas. O que se perde, neste caso, é a elaboração crítica em que a subjetividade se auto trabalha de modo integrado, expressando-se em coletivos.

Penso que esta é outra contribuição, que pode ser inferida da reflexão de Paulo Freire. Trata-se de qualificar o relacionamento educador-educando para que o este seja o “fabricante” de si mesmo. Isso lhe permite assumir

interações e expressões como compromisso de humanidade em desenvolvimento. Quando a concepção de educação é pragmática e performática, baseada em eficiente cumprimento de conteúdos e buscando a estrita instrumentalização, cabe a este educando sentir-se órfão e indagar ao educador: me diz aí, o que você quer que eu faça?.

Adriano Nogueira – Joana... parece-me tu colocas (de forma recriada) uma elaboração de Paulo na Pedagogia do Oprimido; ele a denominou autodeterminação a partir da relação educador-educando. Pergunto como é que você situaria essa formação relacional da autodeterminação...

Joana Lopes – Podemos observar que, nas Artes do início do século XX europeu, houve um momento que poderia ser denominado de Refundação do Teatro e da Dança. Houve Pedagogos do Teatro e da Dança de cuja proposta e trabalho eu posso inferir uma provocação para a autodeterminação formadora. Esta se daria a partir de percepções em que não existem discursos de convencimento. Houve propostas de trabalho que repensavam estruturas muito cristalizadas. Repensavam o Corpo, as Artes Cênicas e a Corporalidade. Por exemplo: Eu, educadora-artista, posso pedir a um estudante que.... ele vá de encontro ao seu (dele) andar cotidiano, usual, próprio. Isso exige trabalho. Exige reencontro reflexivo. Ora... este estudante não caminha sempre da mesma maneira; ele não é um todo único e igual, homogêneo. Minha interação estimula que ele vá descobrindo a si mesmo.

Na verdade ele vai reconstituir minha proposta inicial. Através da interação ele constrói alguma concepção em torno ao desafio que lhe propus. Nessa reconstituição ele vai lidando com a subjetividade, vai tomando rédeas que é interação consigo mesmo, vai pondo rumos. E vai exigindo de mim, educadora, que eu interaja em reciprocidade, recriando a proposta inicial e reconhecendo na criação dele algo que juntos, educando e educadora, vamos criando como linguagem suficiente para dar conta de elaborações. E mais:- juntos, vamos constituindo uma história de conhecimentos. Esse trabalho tanto retoma conhecimentos mais antigos como atualiza conhecimentos.. Essa história, essa linguagem e esses conhecimentos são a base fundamental para o reconhecimento da criação, que se expressa em algum produto.

No reconhecimento do produto o que houve?. Houve que educador e educando criaram elementos físicos e estruturais elaborando, assim, em mais de uma linguagem a tradução e recriação da linguagem cotidiana. Cria-se linguagem como uma experiência política calcada em um forte trabalho com a própria subjetividade e, também, um outro trabalho, que requer interações educativas não castradoras. Parece-me que seria por aí a intenção daquela... Educação como prática de liberdade.

Retomamos contribuições do Professor Paulo Freire, na medida em que esse “fazer” simultaneamente vai construir linguagem, construir memória de processos e, então, construir conhecimentos integradores de Artes e Ciências na Cultura.

Paulo Freire – ... Vejam vocês, Joana e Adriano. Neste mesmo exemplo dado, de propor a um Jovem que ele vá de encontro a seu próprio caminhar. Ao jovem que se inicia na compreensão por meio do fazer artístico quando tu pedes a ele que ande como normalmente caminha talvez a primeira descoberta dele seria a percepção de que ele não pode fazer isso. E por que?. Porque o que ele produzir será um andar cotidiano produzido. Ora, quando descobriu que não pode caminhar como sempre o faz mas que, não obstante, pode e é capaz de criar... certamente descobriu muitas coisas aí. Descobriu uma série de reflexões sendo feitas.

São descobertas que exigem reflexão com e como subjetividade. Em seguida, refletir sobre as interações desta subjetividade. Em primeiro lugar, eu diria, este jovem descobriu que não anda só. Nunca ele caminha só. Por dentro da aparência de “estar caminhando” existe toda uma memória de “estar acompanhado”. As compreensões que daí emergem denotam um ‘coletivamente’, como dissemos aqui.

Em segundo lugar eu diria que o Jovem vai descobrindo que, quando caminha, ele traz para o processo de andar uma série de relações que estabelecem o jeito de andar deste ou daquele modo.

Que é que eu digo com isso?. Digo que uma pessoa caminha de um jeito se estiver tranquila, passeando. A mesma pessoa caminha de outro jeito se sentir-se perseguida. E mais, caminha de um terceiro jeito se estiver namorando. E há um quarto jeito de andar, se esta pessoa estiver aflita, perdendo hora de entrar em serviço. E assim por diante.

O que me chama a atenção, Joana, neste trabalho é que o Artista joga muito com o movimento a respeito de cuja causa quem estaria interessado é o sociólogo, o psicólogo, o antropólogo, o terapeuta ocupacional... e também o físico, em certa dimensão. O que faz o Artista-Educador aproximar-se daquele movimento e buscar a expressão dele **cria uma linguagem**. O trabalho do Artista capta e expressa um conjunto de emoções estampadas no corpo, pelo corpo. Capta expressões sem preocupar-se em definir previamente um porquê ou um enquadramento explicativo.

Joana Lopes – ...poderia dizer, Professor Paulo, que o trabalho artístico (agregado ao trabalho científico) dá conta não do “por que” tais e tais ocorrências são aquilo que são. Mas, sim, o trabalho artístico vai a busca do “pra quê” algo está se dando.

Paulo Freire – Exato.

Adriano Nogueira – Nessa situação comentada por Vocês me vem uma curiosidade. Com o Jovem que vai refletindo sobre o andar e que vai

expressando este andar em variadas formas de caminhar... pergunto: como poderíamos nós, educadores, averiguar com ele o que foi conhecido durante a busca?. Como averiguar o que ele conheceu enquanto se movia conhecedoramente?.

Paulo Freire – Entendo o que tu dizes, Adriano. A impressão que tenho é que o Artista-Educador aceita o desafio de não restringir-se ao seu campo, à sua perspectiva particular. Além da perspectiva a que não se restringe assume uma postura epistemológica diante de sua própria criação. Para mim isso é o fundamento artístico que é fundamentalmente humano. E, vejam, estamos falando de um Sujeito que é profundamente curioso. Esse tipo de abrangência, essa postura epistemológica e essa curiosidade de que estamos falando é aquela que condiz com a expressão e construção da subjetividade humana.

O desafio que Joana pede ao Jovem é epistemológico: - ela desafia o Jovem para que ele se assuma e se aceite como sujeito diante de sua arte. Isso fortifica, no Artista, um certo conhecimento. Ele conhece melhor sua capacidade de relação com o objeto, diante de que se deleita, ao mesmo tempo em que busca expressar numa linguagem especial. Esse conhecimento, eu diria, é não apenas artístico mas, sim, torna mais humano o Artista.

Adriano Nogueira – Na continuidade, perguntarei a vocês dois: e Arte... se ensina? Como vocês reconheceriam:- eis ali um professor de Arte!.

Paulo Freire – Penso o seguinte, Adriano. O ensino de arte, feito pelo Professor, não consegue inventar um Artista. Mas o que se coloca durante a produção artística oferece problemas e questões que são explorados pelo Professor e contribuem para desabrochar no Jovem um Artista. Ou seja, o Professor pode contribuir para que haja relações artísticas entre o estudante e suas criações...

Joana Lopes – E, além disso, Professor, o educador-artista ajuda a descobrir elementos que podem estruturar a arte como “coisa própria” na experiência do aprendiz. O conhecimento da madeira, o conhecimento da tinta, o conhecimento do espaço cênico, o conhecimento das interações em coreografia, o conhecimento do traço e da cor num espaço, conhecimento de textura e umidade na cera ou na cerâmica, o conhecimento da relação entre plano de fundo e um destaque.... que são, sempre, conhecimentos multidisciplinares vão ser aprofundados naquilo que é intuitivo no educando. Como a intuição é uma parte do ato de conhecimento, pode o Professor contribuir para que este educando vá inteirando-se. Ou seja, contribui para que o Estudante “seja”, de corpo inteiro.

Isso me faz lembrar um estudo que acompanhei com interesse. Um jovem estudante chamado Chi Li Chung, de origem chinesa, defendeu uma tese de doutoramento que é um estudo comparativo. Ele coloca por um lado

a noção de eficácia oriunda da industrialização; na pesquisa, ele examina a eficácia de uma indústria no Japão. Por outro lado ele examina a prática produtiva interna a uma Escola de Samba, no Rio de Janeiro. Nas conclusões, este Jovem realça a alta produtividade da Escola de Samba e, em seguida, comenta o alto nível de sofisticação cultural dessa produtividade. Outra das conclusões dele é que a indústria japonesa não alcança tal qualidade de produtividade e sofisticação (como a Escola de Samba). Por que?; porque a lógica do aprendizado na indústria é parcial; ou seja, o produto final industrial surge não após um trabalho interativo, mas, sim, após o acoplamento de especificidades. Na Escola de Samba, há estreita correlação entre harmonia, equilíbrio, aprendizado, matéria prima e produto, espaço e deslocamento, desempenho e cansaço... ou seja, o Sujeito Humano não pode ser consumido dentro da especificidade do seu desempenho.

Paulo Freire – Vejam vocês, que trabalho humano formidável. Escolas de Samba são um espetáculo cultural coletivo. São uma proposta pedagógica popular de criação artística. Sendo escolas, elas alcançam uma certa formalização mais vital do que nossas escolas.

Joana Lopes – Poderiam ser denominadas: Ópera Popular, aquilo que os refundadores do teatro tinham em mente. Penso que importante nessa pedagogia popular é a integralidade com que se considera o corpo humano. O corpo baila, o corpo absorve, o corpo harmoniza e, relacionando-se criativamente, cria coletivamente.

Paulo Freire – Sim, o corpo humano reflete interações daquele teor a que eu denominava epistemológicas. A corporalidade é um tipo de consciência que se baseia numa inteireza consigo mesma. Isso se expressa, ao desenvolver-se, em interações com os objetos e com outros seres humanos. Não apenas consciência de um “si mesmo”, que sugere consciência do entorno mas, penso eu, a consciência de inteirar-se do mundo e com o mundo, que permite criar noções do “eu consciente”.

Adriano Nogueira – Permita-me, Professor, outra provocação. É muito comum em nossa cultura popular que o letrado (que é gráfico) venha depois e com menos desenvoltura que a percepção corporal. E lembro do que tu disseste... a leitura do mundo precede a leitura da palavra escrita. Temos a considerar, então, uma certa “densidade epistemológica” da corporalidade. E ela, densidade corporal, que aos espaços agrega valor e scientia, reconhece (neles, espaços) o território...

Paulo Freire – ... e isso me sugere que minha consciência não está no cérebro, nem ela está nos pulmões ou no coração. Minha consciência sou EU, corpo. E meu corpo se constitui corpo consciente na medida em que se relaciona com outros humanos e em espaços; ao constituir-se, utiliza

linguagens e elabora “produtos” cujo suporte têm a cara e o jeito de relações que os elaborou.

Às vezes tenho a impressão de que o assim chamado primeiro mundo tem um certo remorso do corpo. Em algumas atitudes, em algumas situações e em certos gestos a cultura cotidiana do primeiro mundo é menos plena de corporalidade. Pessoas interagem com certa culpa, como se fosse vergonhoso ter corpo, culposo ser e expressar-se passando sempre e necessariamente pela corporalidade. As atividades declaradamente intelectuais expressam-se como que desvincilhando-se da corporalidade. Talvez se comportem como se houvesse uma alma humana danificada por habitar um corpo; influência talvez da dualidade cristã alma-corpo.

A imensa influência africana sobre nós, Latinoamericanos, nos deixou a contribuição do valor do corpo na formação e na consciência. Neste sentido, podemos plantear como pauta nos diálogos com outros educadores esta pedagogia desde a corporalidade. Isso faz parte da cultura cotidiana e creio que contribui para totalizações epistemológicas muito amplas. Haverá menos pecado, menos remorsos nas atitudes e, simultaneamente, consciência humana mais ampla, menos alienada, mais interdisciplinar. E os educadores progressistas de primeiro mundo nos verão menos como “coisas exóticas” ou nos verão menos como “fenômenos parapsicológicos, pré-modernos” e, sim, nos verão mais como companheiros de discutir e compreender problemas humanos.

É nesse sentido que eu diria a vocês: - o mundo é um só, uma só realidade. Dividida pelo poder, dividida pelos conflitos de interesses de classes sociais, uma só realidade humana. Nesta realidade, nós, Latinoamericanos, somos testemunhas de um certo gosto: - o gosto de sermos uma pedagogia corporal em que partejamos os seres humanos que estamos sendo....

2 – ESTENDENDO FRONTEIRAS: CLUBE DA RÚCULA⁹

... por meio de que **dedicações**
através do núcleo NIMEC/Unicamp
nós nos constituímos “clube da rúcula”?.

a formação,
de nós próprios e de outros educadores, mediatizada
por agirmos como equipes pluridisciplinares
sistematizando a emoção “oficina”, “núcleo” e “laboratório”.

a criatividade,
em reunir estética e utilidade. Arte e artesanato
emergindo reciprocamente rearticulam produção
e fruitividade.

a convivência
com o saber local é condição para o rigor científico
que retorna localizado e mais extenso, complexo,
crítico e tolerante.
Conviver é circunstância de farejarmos o modo como
O tradicional se consolida como processo e não
Mera determinação, portanto.

O clube da Rúcula:

Adão J. Cardoso
Adriano S. Nogueira
Carlos A. Arguello
Eduardo Sebastiani
Paulo R. N. Freire

⁹ Consultar *Estendendo Fronteiras: A extensão e a pesquisa na formação do educador*. Org. Adriano Nogueira. Taubaté/SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

QUARTA CAPA

El Encuentro

La puerta estaba cerrada:

—¿Quién es?

—Soy yo.

—No te conozco.

Y la puerta siguió cerrada.

Al día siguiente:

—¿Quién es?

—Soy yo.

—No sé quién eres.

Y la puerta siguió cerrada.

Y al otro día:

—¿Quién es?

—Soy tú.

Y la puerta se abrió.

(Del poeta persa Farid al-din Attar, nacido en 1119, en la ciudad de Nishapur)

Los hijos de los días – Eduardo Galeano

Este **Caderno Paulo Freire**, organizado por Nima Spigolon y Adriano Nogueira, es en el fondo un relato de encuentros.

Encuentro de estudiantes con un Paulo Freire que se acerca a la puerta en textos, en libros, en escritos; a conocer educadores y educadoras que han oído de él sólo ocasionalmente.

Encuentro de investigadores y especialistas en puertas que engendran arte, poesía, literatura.

Encuentro en el diálogo de Paulo Freire con sus "parceiros"; del que nacen reflexiones, ideas, caminos.

Y en cada encuentro - diría Bakhtin - **nace la palabra propia**. La palabra propia conlleva una creación de significados novedosos, encarnados en cada interlocutor. Esta carnadura es posible porque la palabra ajena despierta en cada uno de nosotros discursos independientes, resignificados y organizados a partir de lo que hemos oído, dicho, escrito y leído en otras conversaciones y encuentros con otros y otras. Y de los encuentros narrados en este "Caderno" nace la aceptación del desafío de Freire: "reinvéntenme".

La relación con el cuerpo - relación reprimida en nuestra cultura judeocristiana - ("*Às vezes tenho a impressão* - dice Freire a Adriano Nogueira y a Joana Lopes - *de que o assim chamado primeiro mundo tem um certo remorso do corpo*"); la propuesta de **resignificación de las vivencias**, evocada a raíz de la

incitación docente, y reflexionada en el diálogo final ("*educador e educando criaram elementos físicos e estruturais elaborando, assim, em mais de uma linguagem - dice Joana Lopes - a tradução e recriação da linguagem cotidiana. Cria-se linguagem como uma experiência política calcada em um forte trabalho com a própria subjetividade e, também, um outro trabalho, que requer interações educativas não castradoras*"); **la relación con el teatro**; espacio de articulación entre el cuerpo, las vivencias resignificadas (también en términos vigotskianos, de "*perevivânie*") y la posibilidad de poner en relación dialéctica uno y otro (dialéctica como teoría y método de conocimiento de los fenómenos de la realidad, realidad en permanente movimiento debido a sus contradicciones internas) en la propuesta de Augusto Boal de Teatro del Oprimido.

Este es, así, un libro de encuentros. Ocurren cuando logramos comprender que *el otro* que viene hacia nosotros es un otro, pero también - en algún punto - es un yo mismo. Así, si te preguntas "*¿Quién es?*" al abrir las hojas de este libro y logras oír "*Soy tú*", en algún punto el encuentro renacerá en tu propia lectura.

Daniel Carceglia

Educador Popular / Universidad de Quilmes, Argentina.



Diálogo Freiriano

